



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

Do Industrial ao Atual.

Um novo olhar sobre o Bairro da Alegria

Ana de Jesus Martinho Machado

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(ciclo de estudos integrado)

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Covilhã, outubro de 2018

Nota:

A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

à minha família.

Agradecimentos

Quero, a terminar, como tentativa de balanço, seguramente não isenta de erros e falhas, deixar uma justa palavra de agradecimento a todos os que, de uma forma ou de outra, me acompanharam neste percurso.

À minha orientadora, por todos os desafios que me lançou e paciência ao longo deste período.

Aos grandes amigos que esta academia me deu por fazerem destes anos, anos inesquecíveis.

A elas: à Li, por ter estado do comigo do primeiro ao último minuto nesta academia; à minha amiga do coração, Larissinha por todas as longas conversas que tanto me ensinaram; à Claudinha, por ter sempre uma palavra amiga em sintonia com o seu mau feitio; à minha Mini Milk, minha confidente por saber sempre tudo sem ser preciso dizer uma palavra ; e por último às minhas parceiras do Trio Odmira por todos os devaneios - a Cenoura, companheira de todas as horas e em especial á Tété, meu braço direito e esquerdo, por todas as horas de estudo e fins de semana de trabalho. A elas, que foram imprescindíveis, insubstituíveis e incomparáveis, às minhas princesas, que não sendo de sague se tornaram numa família: *“quem tem mais curvas que retas? São as arquitetas!”*.

Ao verdadeiro, por me dar a mão e me saber sempre levar para qualquer lugar do mundo, ao meu Titi.

Aos de lá de casa, a minha família, por ser uma Família.

Em primeiro lugar aos que estiveram na minha origem e ao sangue do meu sangue, aos meus pais e à minha irmã por terem acreditado e, à maneira deles, me ter dado sempre força para continuar. Quero também, aqui, agradecer aos meus outros irmãos, ao João, à Joana e à Tatiana, por serem as crianças mais insuportáveis do mundo e atirarem muita areia ao ar na praia. Por último aos que estiveram na origem da origem, ao meu Avô Zé por me ensinar a fechar os olhos; à minha Avó China por apanhar o que estava no chão; ao meu Avô Manel por me levar à água; e à minha Avó Ana por ter o melhor colo do mundo e nunca me deixar desistir. Aos meus avós por estarem aqui comigo. A todos vocês, a quem chamo de família com muito orgulho e que ao longo do tempo me ajudaram a construir-me.

E a finalizar, àquela que, não estando presente nesta fase, continua a ter o seu lugar no meu coração.

A todos vocês o meu muito obrigada.

Resumo

Na cidade da Covilhã, são evidentes os traços das suas várias fases de ocupação, entre elas e, com maior destaque, um vasto património industrial. É com base nas transformações urbanísticas que a cidade sofreu, que se percebe de que forma esta evoluiu e se modificou ao longo do tempo e como se foi adaptando a novas realidades económicas, sociais e urbanas.

A paisagem construída da cidade é marcada pela presença de inúmeras estruturas urbanísticas que são pergaminhos de história, com localizações privilegiadas são fatores fundamentais na arquitetura da cidade e influenciam diretamente a forma como o transeunte se desloca e relaciona com ela. A maioria dos complexos industriais encontra-se devoluto ou em ruína, contudo, tem-se assistido nos últimos anos a uma crescente preocupação em revitalizar, reabilitar e renovar áreas que foram menosprezadas na cidade. A arquitetura é um dos elementos chave destas transformações urbanísticas e sociais. Neste sentido, o estudo aborda a cidade da Covilhã e visa analisar a sua evolução urbana desde a era dos lanifícios até à situação atual.

Deste modo, apresenta-se nesta dissertação um caso de estudo, com vista à reabilitação arquitetónica e urbana de um bairro operário que permanece em estado de abandono e degradação na cidade da Covilhã. Atualmente existe uma preocupação crescente em que o diálogo entre o espaço físico e o espaço social seja coerente, de modo a promover a integração social. Assim procura-se dar um novo olhar ao Bairro da Alegria fazendo dele um lugar coeso de práticas sociais integrando-o na malha urbana da cidade.

Palavras-chave

Covilhã; Bairro operário fabril; Reabilitação urbana; Reabilitação arquitetónica; arquitetura doméstica.

Abstract

Within Covilhã there are clear traces of its several phases of occupation, among them and with greater highlight a vast industrial heritage. It is perceivable based on the urban transformations suffered by the city the way it has evolved and changed throughout time and how it has adapted to new social, economic and urban realities.

The various urbanistic structures, by which the city's landscape is characterized, are authentic history books. Their privileged locations are fundamental factors in the city's architecture and they influence directly the way the passerby shifts through the city and relates to it. Most of the Industrial complexes are brownfields or found in ruins, however lately there is growing the worry to revitalize , rehabilitate and renew areas there have been undermined. The architecture is one of the key elements of the needed urban and social transformation. Therefore this report addresses the city and its urban evolution since the age of lanificios until the current state.

Consequently, this dissertation presents a case study with sight on the architectural and urban rehabilitation of an abandoned industrial neighborhood in the city. The need felt today for a more coherent dialogue between the social and physical space so to promote social integration is rising. The goal is to give a new and fresher look to Bairro da Alegria, making it useful, attractive and filled with life like it once was.

Keywords

Covilhã; Factory workers' quarters; Urban rehabilitation; Architectural rehabilitation; Domestic architecture.

Índice

Introdução.....	1
Parte I Contextualização Genérica: Covilhã.....	7
1. Contexto Urbano.....	9
2. Cidade Industrial	13
3. Cidade Universitária.....	21
4. Programa Polis.....	27
5. Cidade Atual.....	37
Parte II Objeto de estudo: Bairro da Alegria	43
1. Análise.....	45
1.1. Observação Social	47
1.2. Observação Urbana e Arquitetónica.....	51
1.3. Análise SWOT	58
1. Um novo olhar sobre o Bairro da Alegria	63
1.1. Questões Iniciais	63
1.1. Narrativa de Processo	65
1.2. Descrição da Proposta.....	75
Considerações Finais	87
Bibliografia	91
Anexos	97

Lista de Acrónimos

CMC - Câmara Municipal da Covilhã

FEDER - Fundo de Desenvolvimento Regional

SWOT - Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats

UBI - Universidade da Beira Interior

Introdução

A cidade da Covilhã foi durante anos uma referência, um marco entre as cidades portuguesas devido à forte indústria de lanifícios. Fica denominada *Cidade-Fábrica* na segunda metade do século XVIII com o aumento da produção industrial e conseqüente aumento do número de fábricas na cidade bem como da população residente. A vantagem de ter ao seu alcance recursos naturais e fácil acesso a matérias-primas facilitaram a fixação de fábricas na cidade. Na época, o recurso a energia hidráulica para funcionamento de fábricas fez com que a cidade se desenvolvesse nas margens das ribeiras - Carpinteira e Goldra. Este aumento de escala, passando de oficinas a indústrias, levou a transformações sociais, económicas e tecnológicas. (Rodrigues, 2009)

Como refere Kevin Lynch (1960/2011, p. 72) as “cidades são construídas e conservadas por uma série de agentes: famílias, empresas, agentes reguladores e de apoio, promotores, investigadores, empresas de serviços públicos e muitos outros. Cada um destes elementos tem os seus próprios interesses e o processo de decisão é fragmentado, plural e marcado por acordos. Alguns destes agentes são dominantes, orientadores, outros seguem líderes. Sendo que a indústria era o agente predominante e todos os outros elementos da cidade eram geridos em função dela, com a sua queda a cidade vê-se obrigada a uma reestruturação urbana.

A revitalização da cidade começa em 1975 com a implantação da universidade em edifícios devolutos. Contudo a cidade continua a apresentar zonas urbanas desertificadas que contribuem para um mau funcionamento da mesma. A existência de edifícios devolutos coloca questões pertinentes à arquitetura, sendo que a revitalização urbana, neste caso, não passa por criar novos edifícios, mas sim reabilitar os que existem, alguns com valor arquitetónico. (Costa, 2013)

O Bairro da Alegria, bairro operário construído na década de 1940 é um exemplo desta desertificação urbana. Um lugar onde a alegria e a vida deram origem ao silêncio e abandono. As cidades surgem como projeto de vida coletiva, e por essa razão não pode deixar de se pensar como um todo, sendo esta a principal premissa para a intervenção. No planeamento do território existem vários intervenientes entre eles o arquiteto e os moradores. Onde o arquiteto através das metodologias que adota cria diálogos de conversação onde dá voz ativa aos moradores, a quem habita o espaço e realmente conhece as suas vivências. Neste sentido a arquitetura não é do arquiteto, mas sim das pessoas para quem é projetada. (Mota, 2013)

Justificação da Proposta

O impulso para esta pesquisa é dado pelo facto de ser um tema bastante presente na atualidade, devido à crescente preocupação de revitalizar áreas de populações desfavorecidas. Assim, esta temática tem vindo a ganhar um papel primordial no planeamento urbano vindo de encontro ao consenso alargado que existe hoje em Portugal sobre a urgência em dinamizar a reabilitação urbana.

Na Covilhã este tema tem vindo a ser debatido e discutido de modo a voltar a dar vida tanto a indústrias fabris como a toda a infraestrutura criada na época do auge da cidade-industrial. Sendo filha da cidade, foi inevitável a necessidade de a estudar e de compreender a sua evolução urbana.

Assim, a principal motivação para esta pesquisa prende-se essencialmente com a preocupação em revitalizar áreas menosprezadas nas cidades, áreas com potencialidade que funcionaram como elemento chave na cidade e com o passar do tempo caíram em decadência ficando esquecidas e abandonadas na malha urbana.

Objetivos

Com a elaboração desta dissertação objetiva-se apresentar um estudo genérico sobre a evolução urbana da cidade da Covilhã. Esta pesquisa procura, essencialmente, estudar as metamorfoses urbanas da cidade desde a época dos lanifícios até à cidade como ela é hoje. Objetiva-se perceber de que forma a cidade se reergueu após a queda da indústria, como se tornou numa cidade universitária e, finalmente, como se apresenta na atualidade.

Sendo, desde sempre, objetivo desta dissertação resultar num projeto prático que tivesse como foco a aplicação dos conceitos estudados numa abordagem teórica, esta tem resulta na elaboração de um projeto de reabilitação e reintegração urbana do Bairro da Alegria. Tendo como propósito perceber de que forma um bairro construído para dar respostas às necessidades da classe operária da época se apresenta, hoje, na cidade e na sua malha urbana.

A ação terá a importante e oportuna temática da reabilitação dos espaços habitados e através dela objetiva-se perceber de que forma se atua na cidade, estando esta atuação diretamente ligada com a vida dos seus habitantes. Defendendo a importância do reforço das medidas que visem estimular a recuperação das cidades, congregando preocupações de natureza social e arquitetónica.

Metodologia

A presente dissertação consiste numa abordagem teórico-prática tendo como objeto de estudo a cidade da Covilhã e o Bairro da Alegria, por essa razão dividiu-se automaticamente em duas partes. A primeira onde se apresenta a pesquisa teórica centralizada na cidade Covilhã e a segunda parte focada no Bairro da Alegria e na aplicação prática dos conceitos.

Na primeira fase fez-se uma abordagem teórica ao tema, onde serão analisados diversos conceitos ligados à evolução urbana da cidade e ao seu contexto histórico. Nesta fase irá ser feita uma leitura crítica de bibliografia acerca do tema desta dissertação, a cidade da Covilhã, bem como leitura de algumas obras sobre arquitetura, cidade e urbanismo que se achou relevante.

De modo a conseguir alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa recorreu-se ao Arquivo Municipal da Covilhã com o objetivo de recolher informação acerca da formação e evolução da cidade, contudo sem sucesso, pois os documentos mais antigos que constam no arquivo remontam à década de 1950. Por esta razão toda a informação apresentada nesta dissertação referente a esse período é fruto de recolha bibliográfica.

Posteriormente a segunda parte desta dissertação, relacionada com a parte prática, é composta por dois capítulos: o primeiro, em que foram desenvolvidas visitas ao local de intervenção de modo a observar e analisar o objeto de estudo onde foram feitos vários levantamentos fotográficos e topográficos, bem como conversas com vários moradores procurando entender as fragilidades e potencialidades do Bairro da Alegria. Por fim, desenvolveu-se um projeto de arquitetura de requalificação e reabilitação para o Bairro da Alegria com aplicação dos conhecimentos adquiridos durante toda a pesquisa. Neste projeto propõe-se a demolição e reabilitação de edifícios de modo a que o programa possa dar resposta às necessidades reais dos utilizadores do espaço admitindo que a reestruturação urbana passa pela contenção e não pela expansão.

Todas as imagens se encontram legendadas de forma completa e por essa razão optou-se por não colocar índice de imagens na presente dissertação. Todas as imagens em que a identificação do autor estiver omissa, subentende-se que são fotografias da autora.

Estrutura

A primeira parte da dissertação, intitulada de “Parte I Contextualização Genérica: Covilhã”, divide-se em cinco capítulos. Num primeiro momento será apresentado um contexto urbano focado no que levou ao desenvolvimento da indústria na região. A seguir é apresentada a cidade como cidade industrial, aqui é analisada a fixação da indústria na cidade e as infraestruturas que foram necessárias para atender às necessidades da população da época. No terceiro capítulo, é feita uma exposição sobre as repercussões da criação da universidade e a forma como esta influenciou e influencia a urbe. O quarto capítulo apresenta o Programa Polis, as suas intervenções e o seu impacto na cidade. Por último é feita uma análise da evolução urbana da cidade nas últimas décadas e como ela é atualmente.

A segunda parte, “Parte II Objeto de estudo: Bairro da Alegria”, encontra-se dividida em dois capítulos. Em que o primeiro consiste numa análise etnográfica e urbana do Bairro da Alegria, onde se procura entender as suas potencialidades e fragilidades tanto a nível urbano como social. O segundo capítulo apresenta uma proposta de reabilitação para o Bairro da Alegria de modo a reintegrá-lo na malha urbana, não esquecendo a sua origem nem os que nele habitam. Este segundo capítulo divide-se em três momentos, onde, no primeiro, serão apresentadas as questões iniciais da elaboração da proposta, no segundo momento é explicada a narrativa de processo, e, para terminar, é feita uma descrição da proposta.

Encerra-se esta dissertação com as considerações finais, onde se procura fixar alguns elementos chave que respondam às questões iniciais.



Img 1 - A cidade da Covilhã, 2018.

Parte I Contextualização Genérica: Covilhã

“Cidade alta, com alma própria. A alma que os seus antepassados ilustres simbolizavam, descobridores, teólogos e mártires. Sábios, empresários e operários.”

(Duarte Simões 1970)



Img 2- Vista aérea da cidade da Covilhã (Bing, 2018).

1. Contexto Urbano

A contextualização histórica da cidade é essencial para que possamos entender o que ela foi no passado, o que ela é atualmente e o que pode vir a ser. Deste modo e para que se possa fazer uma análise da evolução urbana de uma qualquer cidade, “um tema tão sugestivo como amplo e difuso” como defende Fernando Chuecca Goitia (1982/2014, p. 9) , é necessário compreender que a cidade engloba tudo o que diz respeito ao homem. A cidade é diretamente afetada pelos seus comportamentos e pelas suas ações, por isso quando se estuda as cidades não se deve esquecer que não é possível recolher toda a informação que a cidade oferece ao homem, podem-se sim tirar anotações, fazer pesquisas e colocar questões, contudo existe a possibilidade de essa mesma informação ser fragmentada e, em alguns casos, sem sentido.

A evolução da cidade da Covilhã é indissociável da história e formação da Beira interior, onde se insere. Um espaço rico e diversificado em que a natureza se assume como elemento principal, com uma topografia icónica alia as extensas áreas de planície às paisagens montanhosas criadas pelas serras da Estrela, Gardunha e Malcata (Imagem 3 e 4). Um território marcado historicamente pelas atividades agro-pastoris, caça, pesca, e abundância de recursos como lenha e água, consequência dos diversos cursos de água que irrompem na paisagem. Os condicionantes geográficos são, neste caso, uma mais valia para a autossustentabilidade da região que em conjunto com as diversas atividades que foram sendo desenvolvidas proporcionaram o seu desenvolvimento mercantil. (Pinheiro, 2006, p. 15)

Com uma localização privilegiada, a cidade da Covilhã destaca-se pelo carácter persistente de inúmeras estruturas urbanísticas, das quais se destacam a arquitetura mantida em constante parceria com as infraestruturas que lhe conferem imponência e durabilidade. No entanto, e para que se perceba que o estudo da evolução urbana da cidade é árduo, tem-se presente que todas as cidades, e a da Covilhã não se torna exceção, têm um carácter evolutivo e modificável devido às inúmeras ações de demolição, destruição, desmoronamento e degradação a que são submetidas, sofrendo efeitos de uma “vontade”, que de uma forma ou de outra acaba por permitir que uma cidade retome ao ponto de partida. Contudo, as marcas das várias fases de ocupação do território da Cova da Beira são reconhecíveis. (Rodrigues, 2009, p. 6)

A cidade é, “ela própria, o motor do devir histórico da espécie humana.” (Muga, 2006, p. 203).



Img 3 - Vista aérea da cidade da Covilhã e sua envolvente; Img 4- Vista aérea da cidade e baixa contemporânea; Img 5 - Vista aérea dos vales das ribeiras. Duarte Pinto, 2011 (Pinto, 2018).

Ao analisar os aspetos urbanos e arquitetónicos relevantes na evolução da cidade pode-se fazer um esquema cronológico que permite definir, sucintamente, três áreas espacialmente distintas: a área intramuralhas, em que da muralha restam apenas alguns troços e lembranças da época medieval; os bairros que foram construídos à volta da área muralhada, traduzem a expansão da cidade na Idade Moderna; os vales das ribeiras, a sul e norte, Goldra e Carpinteira, respetivamente marcam o período da industrialização da cidade (Img 5). (Fernandes J. M., 2009, p. 40)

Define-se assim, em três subáreas o conjunto genérico da cidade que se apresenta no século XX: “uma cidade de meia encosta, aberta aos quadrantes mais soalheiros e abrigados e muito lentamente descendo às áreas mais baixas” (Fernandes J. M., 2009, p. 41)

Percebe-se assim que “a geografia física da Covilhã protegeu artificialmente o centro. A existência de linhas de água escavou encostas abruptas.” (Milheiro & Gonçalves, 2003/2005, p. 24) e que a implantação de todo o património industrial advém destas condições topográficas.

Em Portugal, até ao final da década de 1960 as políticas urbanas eram insuficientes e ineficazes. Duarte Pacheco, no seu primeiro mandato como ministro, na época do Estado Novo, elaborou uma série de tentativas de planeamento urbanístico bem como a valorização de espaços característicos e emblemáticos das cidades. Contudo essas preocupações só ganharam peso no final desta década. (Jacinto, 2012, p. 7)

As cidades passam a ganhar maior importância a nível europeu e nacional na segunda metade dos anos 90 do século XX. Esta funciona como elemento difusor de programas, recursos e iniciativas, as cidades apresentam-se como centros de atividade económica bem como de inovação e emprego, proporcionando maiores progressões na carreira e na vida profissional dos seus habitantes. Isto gerou uma série de problemas funcionais, e requer um plano de respostas integrado de habitação, formação e emprego que se adaptem as necessidades específicas de cada localidade. (Jacinto, 2012, p. 13)

As grandes intervenções urbanas, em Portugal, foram marcadas pelo Programa Polis, entre 2000 e 2006, e pela Política das Cidades Polis XXI, entre 2007 e 2013. Intervenções que proponham reformas estruturadas e estruturantes para as cidades, recorrendo a fundos europeus eram desenrolados ao abrigo de programas públicos com o objetivo de resolver problemas urbanos notórios. (Jacinto, 2012, p. 17)



Img 6- Vale da Ribeira do Goldra, 2017. Img 7- Vista aérea do vale da Ribeira da Carpinteira, s.a., 2007 (Matos, 2009, p. 118)

2. Cidade Industrial

Conhecida como cidade industrial, desde a época medieval com a fixação de comunidades judaicas, a Covilhã é fortemente caracterizada pelo período da indústria dos lanifícios (Rodrigues, 2009, p. 11). Marcando o lugar durante várias gerações, a identidade da cidade é indissociável do património industrial que deixa na cidade, até hoje, evidências da ocupação fabril (Sousa, 2009, p. 3).

A cultura da lã que integra a Serra da Estrela era vasta, considerando somente o território nacional, abrangia uma área desde o Alto Alentejo até à Guarda, englobando toda a zona raiana (Folgado, 2009, p. 88). Os recursos naturais, lenhas e água que forneciam a energia necessária para a produção de panos, juntamente com o fácil acesso à lã, matéria prima, fizeram com que a Beira Interior começasse a ganhar nome tanto a nível nacional como peninsular ficando conhecida desde o século XVII, como região laneira (Pinheiro, 2006, p. 16).

Nesta região, em que a Serra da Estrela é o principal motor do desenvolvimento, a existência de pastos naturais bastante ricos durante todo o período estival funcionava como ponto de encontro de trajetos nas rotas da transumância (Pinheiro, 2006, p. 16). Isto fez com que as populações se comesçassem a fixar, dedicando-se à pastorícia e a todas as atividades que lhe estavam associadas como tosquia, venda de lã em bruto e conseqüentemente o seu tratamento para fabricação de panos (Folgado, 2009, p. 88).

Desenvolveu-se durante séculos um complexo cultural associado ao pastor, à oficina e ao comércio da lã na região. Isto fez com que a população desenvolvesse um saber especializado em torno da atividade dos lanifícios que se prologou por várias gerações e faz desta uma das principais razões para a permanência desta atividade durante inúmeros séculos na Covilhã, podendo concluir-se que “sem pastor não teria havido fábricas.” (Folgado, 2009, p. 89)

Desde o século XV, que se haviam instaurado, nas ribeiras da cidade, as primeiras oficinas artesanais de lavagem de lãs, lavadouros, pisões e tinturarias, já a tecelagem era feita em casa. Habitualmente os tecelões instalavam no piso inferior das suas habitações os “teares de pau”, utilizados na época. (Pinheiro, 2009, p. 98)

A cidade “cresceu num cabeço entre duas ribeiras fortemente talhadas” (Matos, 2009, p. 114), Ribeira da Goldra (Img 6) e Ribeira da Carpinteira (Img 7), em que a água era abundante e indispensável para a fixação do que mais tarde vinha a ser o complexo fabril (Milheiro & Gonçalves, 2003/2005, p. 26). “Percorrer as fábricas da Covilhã é andar pela cidade e subir e descer as ribeiras” (Folgado, 2009, p. 93)

pois desde a Idade Média que os tndes e pisões se concentravam nestes lugares e onde, ainda hoje, se encontram marcas bastante visíveis desta ocupação. Ao longo dos anos foi-se dominando o sistema hidráulico e as técnicas utilizadas na captação de água para produzir energia foram aperfeiçoadas através da construção de represas, condutas, tanques e levadas (Folgado, 2009, p. 89). Uma vez que, inicialmente, as fábricas têxteis eram movidas a energia hidráulica estas fixavam-se junto a correntes fluviais onde houvesse condições para construir e obter essa energia (Goitia, 1982/2014, p. 145).

Por conseguinte, sentiu-se necessidade de implantar na cidade empresas que levassem a cabo um conjunto de tarefas ligadas à indústria das lãs como fiação ou tecelagem. Uma vez que estas oficinas não necessitavam de água para as suas operações implantaram-se no núcleo do centro histórico, entre as duas ribeiras e por essa razão houve um grande aumento do número de casas e oficinas nesta área da cidade. Assim, a nível urbano, os edifícios oficinais ou fabris dividiam-se em três grupos o centro histórico, a Ribeira da Goldra e a Ribeira da Carpinteira. (Vaz D. , Cidades Médias e Desenvolvimento. O caso da cidade da Covilhã., 2004, p. 296)

Na cidade, desde sempre, as atividades ligadas aos lanifícios encontravam-se dispersas na malha urbana e “a sua organização por pequenas oficinas definiram uma característica fundamental desta indústria” (Folgado, 2009, p. 89) e da própria cidade, dando-lhe o nome de Cidade-fábrica. Onde cada empresa contava com um número variável de edifícios espalhados pela cidade e esta funcionava como recinto fabril. Isto influenciava tanto a nível de organização do espaço de trabalho como da produção, uma vez que as distâncias entre os polos tinham de ser vencidas e muitas vezes eram encontradas dificuldades. (Folgado, 2009, p. 90)

Nos finais do século XVII, a construção da Fábrica Velha, no vale da Ribeira da Carpinteira, veio trazer alterações significativas no modelo de implantação até então utilizado na cidade, concentrando num único espaço todas as fases de produção. Mais tarde, em 1776, após dez anos do início da sua construção, a Real Fábrica de Panos, na Ribeira da Goldra, teve um papel fundamental na implementação de um novo sistema de organização de trabalho. (Folgado, 2009, p. 90)

Ao longo do século XIX as inovações das fábrica-escola e fábrica-empresa desenvolvidas pela Real Fábrica não se mantiveram constantes. Correspondentemente, a primeira integrava as primeiras fases de produção dos tecidos de lã como escolha, lavagem, cardaço e fiação; e na segunda passava pela tecelagem e processos de finais dos tecidos como pisão, tinturaria, secagem e acabamentos. No final do século XIX as fábricas da Covilhã voltavam-se para as

últimas fases de produção transformando-se em oficinas de acabamentos enquanto que os primeiros processos voltavam ao formato artesanal e caseiro. (Folgado, 2009, p. 91)

Por outro lado, na segunda metade do século XVIII assistiu-se nos países industrializados à expansão da Revolução Industrial onde a máquina a vapor domina o mundo da indústria, podendo ter complexos fabris em funcionamento interruptamente como se verificou em Inglaterra nas fábricas de algodão. Para Goitia, sendo “a última modificação fundamental que as cidades sofreram nos tempos modernos foi ocasionada por essa complexa série de acontecimentos a que se tem chamado a revolução industrial” (1982/2014, p. 144). Contudo, numa época em que tudo era altamente mecanizado e os espaços de trabalho ocupados por máquinas, a Covilhã não acompanhou esta evolução na indústria estando ainda intimamente ligada à da manufatura e fabrico artesanal (Folgado, 2009, p. 92).

O auge deste período industrial foi atingido, em 1851 em Londres, com a primeira exposição mundial “no novo ícone da arquitetura em ferro, o Palácio de Cristal” (Folgado, 2009, p. 92). A imaterialidade do vidro ligada à rigidez das estruturas de ferro deu origem a uma representação da indústria e de uma sociedade mecanizada numa mesma obra.

No século XX e após a Segunda Revolução Industrial, diretamente ligada à eletricidade (Folgado, 2009, p. 94), a Covilhã devido à subsistência da antiga indústria dos lanifícios organizada em pequenas unidades e por secções de fabrico, continua a demonstrar fragilidades face à modernização industrial. Com vista a solucionar esta problemática é criada, na década de 1940, a Rede Elétrica Nacional que tinha como objetivo a implantação de novas indústrias bem como a reestruturação e reorganização das já existentes, como é o caso da cidade da Covilhã. (Folgado, 2009, p. 92)

O complexo fabril da Covilhã é identificado como um caso particular até no processo de industrialização nacional, onde as alterações significativas nos lugares de trabalho industriais foram implementadas durante os anos cinquenta do século XX. Contrapondo às evoluções tecnológicas que permitiam a fixação da indústria em qualquer território, uma vez que a o uso de eletricidade permitia essa flexibilidade, a cidade continuou até aos anos sessenta a centralizar indústrias nos polos já existentes resistindo às mudanças de uma produção em série através de processos automatizados. (Folgado, 2009, p. 92)

Para Deolinda Folgado (2009), a definição da Covilhã como Cidade-Fábrica surge, porque, devido às “especialidades da sua indústria a cidade era uma fábrica. Um organismo vivo vocacionado para a atividade dos lanifícios, que na sua natureza fragmentada, por pequenos ou médios edifícios, desenvolvera indústrias completas.” (p. 93)

ANTEPLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO DA COVILHÃ PORMENOR DA ZONA CENTRAL PLANTA GERAL

LEGENDA
PARA ALINHAMENTO E ALARGAMENTO DAS RUAS — 1ª FASE DE EXECUÇÃO
PARA SANEAMENTO DE QUARTIÇOS — 2ª FASE DE EXECUÇÃO



Img 8 - Antepiano Geral de Urbanização da Covilhã: Pormenor da zona central, João António Aguilar, 1951. (Lôbo, 2009, p. 35)

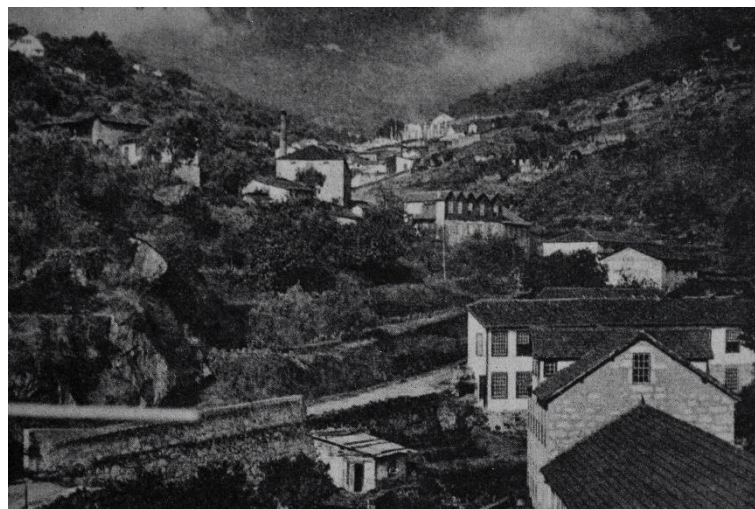
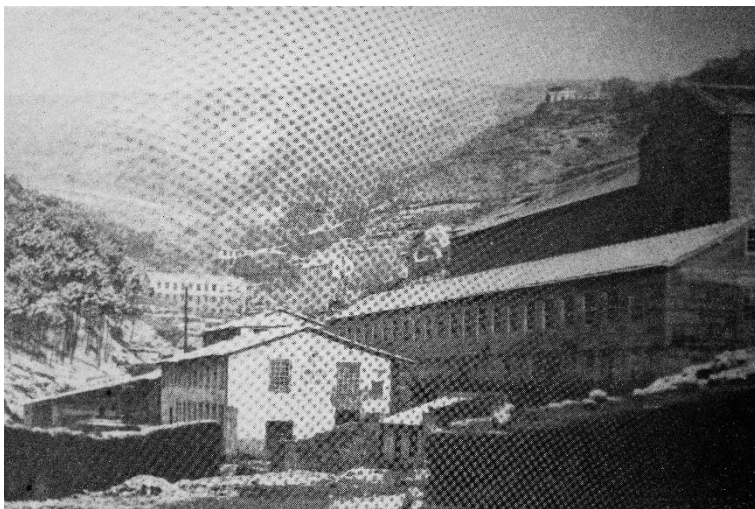
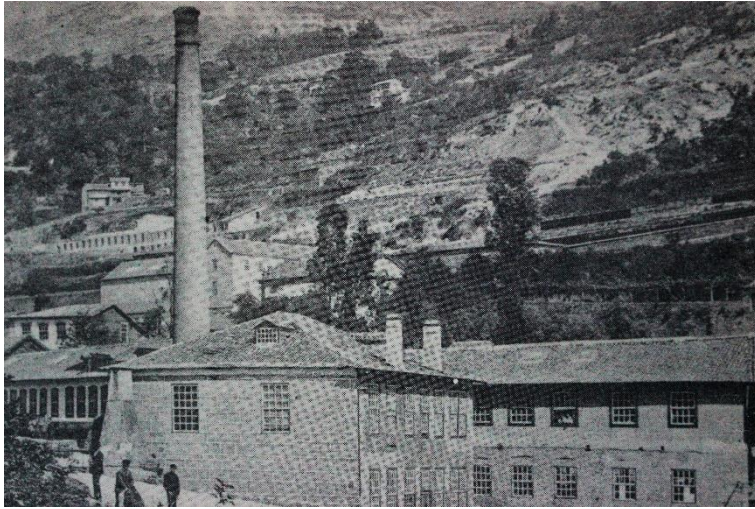
Em meados do século XX foram implantadas na cidade inúmeros edifícios fabris modernos que pertenciam a esta mono indústria, maioritariamente feitos no chamado Português Suave. As construções assumem-se com uma linguagem moderna em alguns elementos que aligeiram a sua presença na paisagem urbana, e o seu sistema construtivo é de betão armado. São exemplos dessa fase de construção, no Vale da Carpinteira, as fábricas: de João Roque Cabral, datada de 1938; a de José Henriques da Fonseca Júnior, projetada na década de cinquenta e a fábrica de Augusto de Almeida Fortuna & Filhos, construída entre 1945 e 1953. (Folgado, 2009, p. 93)

As transformações na imagem da Covilhã no período do Estado Novo marcaram-na de forma inapagável. Um caso paradigmático que promoveu novos bairros de habitação social e a construção de novos equipamentos à imagem do regime, num plano definido por Duarte Pacheco, alcançado pelo arquiteto João António Aguiar (Img 8). (Lôbo, 2009, p. 39)

O Estado Novo foi o grande impulsionador na criação de bairros sociais. Núcleos isolados, distanciados do tecido urbano mais central, em que foram utilizadas tipologias unifamiliares ou geminadas. A morfologia da cidade da Covilhã, com a presença dos vales das ribeiras fez com que estes bairros operários se afastassem ainda mais da zona urbana criando assim um anel de segregação destas populações. Os bairros operários foram implantados na cidade ao longo das décadas de 1940 e 1950 e devido à sua localização, à volta da urbe, criaram linhas separadoras visíveis entre o meio rural e o suburbano. Na cidade foram vários os bairros contruídos ao abrigo dos Programas Habitacionais do Estado Novo: o Bairro Económico dos Penedos Altos; o Bairro do Rodrigo e o Bairro da Biquinha. O Bairro da Estação assume-se com uma linguagem diferente por ser uma tentativa de redefinir a baixa moderna da cidade. (Fernandes J. M., 2009, p. 49)

O Plano Geral de Urbanização da Covilhã é iniciado ao abrigo da legislação de 1944. Um plano de urbanismo projetado a trinta anos, pensado para alojar cerca de cinco mil habitantes, que com o exponencial crescimento demográfico da cidade já tinha sido alcançado em 1950. O urbanista ordena a cidade por unidades e núcleos residenciais. (Lôbo, 2009, pp. 32-37)

Neste período, no centro da cidade a par das oficinas, dos edifícios de tecelagem e das fábricas surgiam as habitações dos operários, tecelões e dos empresários. A Covilhã foi assim dominada, em meados da década de 1970, por dois grandes grupos sociais: os operários e os industriais dos lanifícios. A agonia da crise prolonga-se pelos anos seguintes, uma vez que se tratava de uma indústria neoténica e os esforços de individuais ou coletivos não eram suficientes para travar a crise económica e social que a cidade atravessava, temendo-se o seu futuro. (Vaz D. , 2004, p. 33)



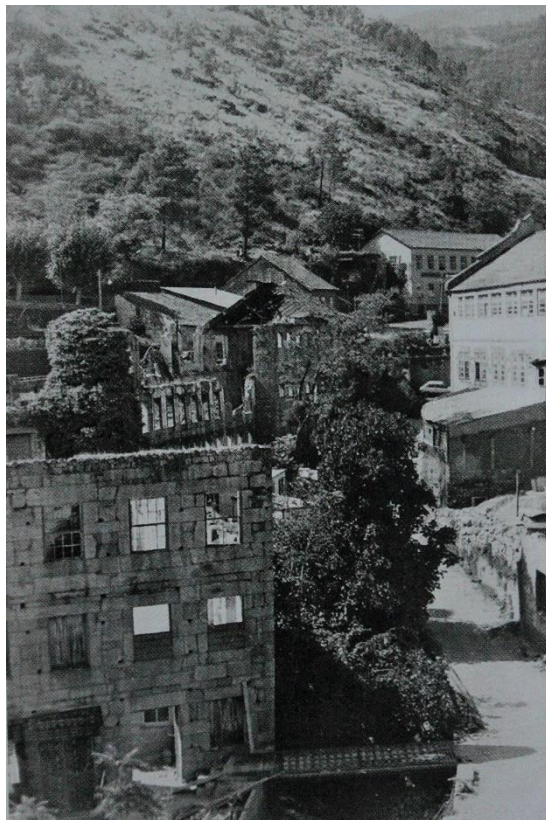
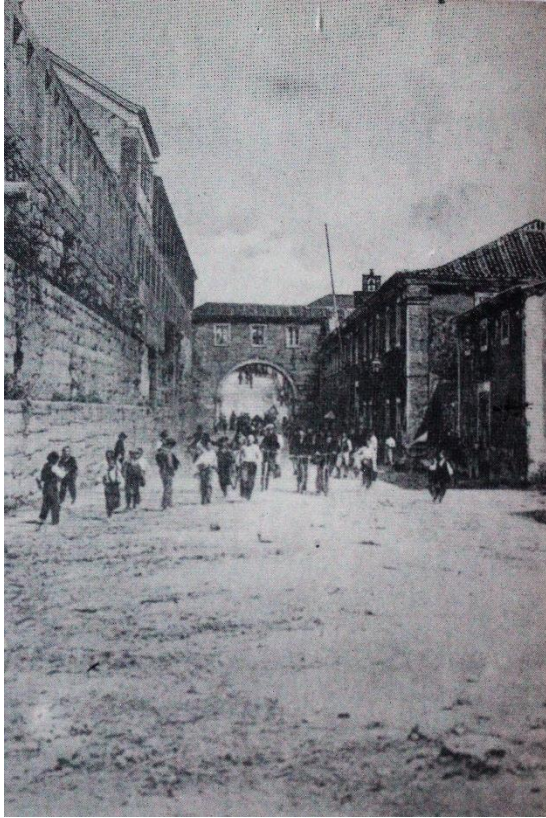
*Img 9 e Img 10 – Fábricas no Vale da Ribeira do Goldra, c.1900 (s.a., s.d.).
Img 11 - Fábricas no Vale da Ribeira do Goldra, c.1900 (s.a., s.d.).*

A identidade da cidade dos lanifícios é maioritariamente definida por conflitos existentes entre as várias fases da indústria marcada por períodos tecnológicos e pela sua difusão na cidade. Assim, e após a reabilitação e reconversão de uma grande parte da imponente Real Fábrica de Panos, no núcleo inicial do Museu dos Lanifícios da Covilhã, da Universidade da Beira Interior (UBI), sentiu-se necessidade de criar um inventário do património industrial edificado. Esta decisão de realizar o Inventário do Património Industrial da Covilhã, realizado entre setembro de 1999 e março de 2002 através de um protocolo entre duas entidades: o Instituto Português do Património Arquitetónico, atual Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico e a UBI. (Folgado, 2009, p. 95)

É na década de 1980 que se intensificam os processos de transformação urbana da cidade da Covilhã com a implantação da UBI e também com os investimentos de fundos comunitários para a reestruturação da indústria. Estas transformações na estrutura urbana provocam alterações na vida da cidade tendo assim de se adaptar as novas vivências “cuja conceção não deve apagar a herança histórica e cultural da Covilhã.”. (Vaz D. , 2004, p. 34)

Após as adaptações feitas na cidade, entre 1999 e 2001, de modo a adapta-la às novas necessidades da população convertendo-os para novos, usos ainda se encontra uma grande parte devolutos. (Folgado, 2009, p. 89)

A lã assume-se como um marco no fechar de um ciclo, encerra um extenso processo de evolução diretamente ligado a um vasto património marcando uma época da cidade e da região. Tratando-se um de recurso natural, é associado muitas vezes à luta pela sobrevivência no meio onde se insere, onde o frio é gélido e o calor tórrido (Pinheiro, 2006, p. 16). As marcas da antiga cidade fábrica são visíveis, “a cidade da lã tem no seu passado fabril um enorme potencial, capaz de testemunhar vários séculos de história da indústria” em que o edificado, ao longo dos vales das ribeiras, está diretamente ligado á memória e identidade da cidade (Vaz D. , 2004, p. 34).



Img 12 - Real Fábrica de Panos no início do século XX, c.1900 (s.a., s.d.). Img 13 - UBI, Polo 1, antiga Real Fábrica de Panos, 2018. Img 12 - Complexo fabril Sebastião da Costa Rato em ruína, s.a., s.d.; Img 13- Complexo fabril de Costa Rato após a reconversão em polo universitário, 2009 (Pinheiro, 2009, p. 103).

3. Cidade Universitária

Para entender como a universidade e a cidade se relacionam é importante perceber que se trata de uma narrativa complexa e “ao dizermos cidade, dizemos simultaneamente universidade: porque estamos perante um caso em que uma se tornou indissociável da outra; interpelam-se mutuamente nas suas existências e iniciativas.” (Matos, 2009, p. 110)

Sofrendo várias transformações o Instituto Politécnico da Covilhã foi criado no início da década de 1970, vindo, no final da mesma, a ser Instituto Universitário da Beira Interior e posteriormente, em 1987, em Universidade da Beira Interior (Pinheiro, 2009, p. 99).

Implantar a universidade numa cidade do interior que estava em declínio económico e social foi, desde logo, uma escolha pouco evidente. Inicialmente, quando começaram as transformações para a criação da universidade pensou-se em utilizar modelos já experimentados nos Estados Unidos e em algumas cidades europeias no pós-guerra: criar um *campus* que concentrasse em si todas as funcionalidades da universidade, com espaços verdes e edifícios dispersos. (Matos, 2009, p. 110)

Uma vez que a indústria têxtil havia entrado em decadência, aquando da formação da universidade já existiam indústrias devolutas ou em ruínas e, deste modo, esta foi-se implantando nesses edifícios integrados na malha urbana. Com o crescimento, a instituição foi ocupando edifícios adjacentes ao primeiro núcleo formando (Img 12), o que é hoje o Polo I (Img 13) Inicialmente a formação académica baseava-se na já referida mono-indústria, tendo como principal objetivo formar técnicos especializados para a realidade da cidade através de cursos como engenharia têxtil, administração e contabilidade. (Matos, 2009, pp. 110-111)

A diversidade de áreas de formação foi aumentando e, ao longo do tempo, com o crescimento da UBI foram-se reabilitando preexistências devolutas na cidade consoante as necessidades. Estas reabilitações tiveram como palco, na sua maioria, os vales das ribeiras onde se localizavam as grandes fábricas chegando, hoje, a ocupar 163 364 m² de área bruta construída. A identidade do complexo universitário instalado na cidade define-se pelo método de construção que foi utilizado, passando por readaptar o edificado e, por vezes, acrescentar-lhe novos volumes. Não obstante, a última obra de ampliação da universidade surge com o edifício da Faculdade de Ciências da Saúde, um volume novo construído na base da montanha. (Matos, 2009, p. 111)

A fundação da UBI apresenta um novo ciclo na evolução urbana da cidade, introduzindo materiais como o betão aparente, o aço e o vidro. Com projetos de linguagem moderna e com



Img 14 - Reversão de antiga indústria na Faculdade das Engenharias, 2018.

vários autores que se podem destacar: o atelier GPA; a participação de Bartolomeu Costa Cabral (autor do projeto do Polo I); Luís Alçada Baptista; Maurício Vasconcelos e na museologia, Nuno Teotónio Pereira. (Fernandes J. M., 2009, p. 52)

Estando em funcionamento desde finais dos anos setenta do século XX, a universidade teve um processo de evolução e crescimento contínuos até aos dias de hoje (Pinheiro, 2009, p. 99). Atualmente a universidade conta com cinco polos universitários, constituídos por vários edifícios, distribuídos pela cidade e dedicados a diversas áreas de formação: Ciências; Engenharia; Letras; Ciências Sociais e Humanas; e desde 1998 também com o tão ambicionado curso de Medicina. Em 2008, a UBI viu-se obrigada a encerrar o curso que esteve na génese da sua formação, a Engenharia Têxtil, por falta de estudantes. Com a utilização deste modelo de implantação na cidade, faseada e evolutiva, caiu em desuso o molde de campus único, definindo a cidade como “protagonista de um jogo locativo e urbanístico que se joga entre a universidade e a cidade”. (Matos, 2009, p. 111)

Domingos Vaz (2008) elaborou vários estudos acerca da cidade da Covilhã, sendo que estes são fundamentais para que se possa entender a evolução urbana e social da cidade, principalmente o papel que a universidade desempenhou na época da sua construção e de que forma se assume como elemento estrutural da cidade atualmente. Como afirma “tem sido à volta do património urbano que muitas cidades procuram delinear estratégias de modernização” (p. 89), e a Covilhã é uma dessas cidade em que associada à universidade surge a palavra desenvolvimento. Esta assume-se como elemento da própria cidade, indispensável para a vitalidade local e consequentemente como elemento difusor de dinâmicas sociais, económicas e culturais fazendo da Covilhã uma cidade universitária em que o destino da cidade depende diretamente da universidade (Vaz D. , 2004, p. 37).

Madalena Cunha Matos (2009) na sua obra defende que “o que marca a edificação universitária na Covilhã é o entrosamento que foi tecendo com a própria cidade; e diríamos agora, com a paisagem” (2009, p. 119). Atualmente a população estudantil descolocada representa cerca de 80% dos estudantes da UBI. A universidade assume-se como elemento da própria cidade dado o impacto significativo que tem na viabilidade económica, estabelecendo “uma relação simbiótica” entre as duas (Matos, 2009, p. 111).

Neste tipo de relações simbióticas é de realçar a semelhança com a Universidade de Évora, que tal como a Covilhã se instalou em preexistências e ambas são consideradas, à escala portuguesa, cidades médias do interior. Já Coimbra, um marco na história do ensino em Portugal, tem outro tipo de entrosamento entre a cidade e a universidade que dura há séculos. Assim, é possível



Img 15- Complexo fabril da antiga empresa Ernesto Cruz & C.ª, reconvertido para instalação da Faculdade das Ciências Sociais e Humanas, 2009. (Pinheiro, 2009, p. 107)

afirmar que “temos na Covilhã um processo, bem mais veloz, de apropriação pela universidade de um corpo de cidade que definhava”. (Lopes, 2012, pp. 59-64)

Na recuperação do património industrial existiu sempre a missão de não apagar as marcas da identidade industrial e (Img 14), naturalmente, a universidade assume-se como motor de desenvolvimento urbano que convive diretamente com as marcas da indústria (Img 15), criando um diálogo entre duas épocas de história igualmente marcantes para a cidade. (Pinheiro, 2009, p. 100)



Img 16- Mural relacionado com os lanifícios integrado na reabilitação da Rotunda do Rato, 2013. Img 19- Conversão do antigo complexo turístico em galeria de exposições, 2018. Img 20 – Relação da intervenção com a envolvente, 2018.

4. Programa Polis

O Programa Polis, Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades, foi uma iniciativa cofinanciada pelo Fundo de Desenvolvimento Regional (FEDER) da União Europeia, levada a cabo pelo Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território a nível nacional (Jacinto, 2012, p. 6). Teve como objetivo promover a qualidade de vida nas cidades, atuando na vertente urbanística e ambiental através da recuperação de zonas industriais obsoletas para fins culturais, construção de espaços verdes e centralidades urbanas, reestruturação viária, configuração de áreas de estacionamento automóvel, intervenções nas ribeiras e frentes de mar (Afonso, 2005, p. 10).

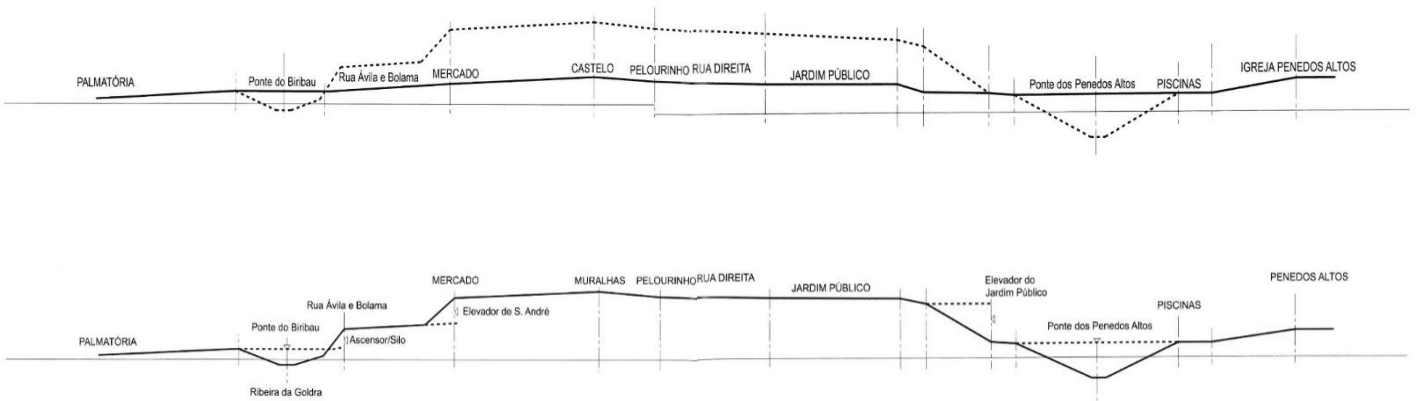
No final de 1999 o programa cidades é implementado ficando conhecido por Programa Polis. As candidaturas exigiam projetos que fossem ao encontro das exigências do programa sendo que inicialmente foram abrangidas pelo programa 18 cidades, sendo posteriormente alargado a mais 12 autarquias, chegando a abranger um total de 30 cidades. Estes projetos a nível de planeamento dividiam-se em dois tipos, os planos de pormenor e os planos de urbanização, todos os projetos eram acompanhados por uma comissão local e técnica e procurava-se que a população tivesse um papel ativo no seu desenvolvimento. (Pereira N. T., 2003/2005, p. 21)

Uma das premissas do programa era que as intervenções levadas a cabo nos diferentes municípios não fossem métodos de intervenções estereotipados, onde já existissem planos de atuação pré-definidos. Pelo contrário, os projetos foram delineados tendo em conta as potencialidades e características de cada cidade, explorando e aproveitando os seus recursos tendo em conta a forma como essas intervenções afetam a urbe. (Pereira N. T., 2003/2005, p. 23)

A Covilhã reunia em si todas os requisitos do Programa Polis, o que fez dela uma candidata evidente. Com uma evolução demográfica favorável face a outras cidades da Cova da Beira e com a universidade a recuperar o património industrial para as suas instalações “possuía um forte potencial de influência sobre a região”. (Milheiro, 2009, p. 56)

Este projeto desempenhou um papel fulcral na reestruturação urbana nacional e a cidade em estudo não é exceção, embora não tenham sido concluídas todas as intervenções propostas pelo programa, são atualmente visíveis as suas marcas. “Viver Covilhã, Programa POLIS”, foi a designação dada à iniciativa de âmbito local que foi levada a cabo pelo Programa POLIS em parceria com a Câmara Municipal da Covilhã (CMC). (Afonso, 2005, p. 10)

Do Industrial ao Atual. Um novo olhar sobre o Bairro da Alegria



Img 21- Esquema de “aplanar a cidade”, Nuno Teotónio Pereira, 2004 (Pereira N. T., 2009, p. 42) Img 22 – Elevador do Jardim e ponte da Carpinteira, 2018. Img 23 – Ponte da Carpinteira, projeto de Carrilho da Graça, 2017.

O programa trabalha com a “matéria particular de cada cidade” e na Covilhã o património industrial devoluto funciona como elemento delimitador do “território possível de urbanizar”, deste modo as zonas de intervenção foram definidas de forma quase instintiva recaindo sobre o antigo complexo industrial. (Milheiro & Gonçalves, 2003/2005, p. 24)

A presença inquestionável das linhas industriais que definem o edificado e a malha urbana da urbe marcam as diretrizes para o arranque do programa Polis na Covilhã. Devido à sua topografia acidentada, com linhas de águas que atravessam e dividem a cidade, os vales das ribeiras da Goldra e da Carpinteira foram, como já foi referido, um elemento primordial na cidade dos lanifícios durante a época do auge da indústria. Contudo tratam-se de dois vales que ao longo do tempo a cidade ignorou, com declive bastante acentuado em que os obstáculos à construção são notáveis. (Milheiro, 2009, p. 57)

A descontinuidade urbana criada por esta morfologia natural do terreno torna difícil o acesso ao centro da cidade, tanto a nível de circulações pedonais como de estruturas viárias. Assim, sendo a mobilidade um dos temas principais do programa Polis, era urgente a reestruturação da malha urbana através de ajustes que fortalecessem “as relações de continuidade entre os vários momentos de ocupação histórica da cidade”. Nesta linha de pensamento a ideia foi estabelecer ligações entre o centro histórico e as áreas envolventes (Img 22), promovendo a relação do núcleo inicial da cidade com as periferias criadas ao longo do tempo, sendo que estas linhas orientadoras de mobilidade que se formam são “simbólica e formalmente, pontes.” (Milheiro & Gonçalves, As Pontes da Covilhã, 2003/2005, p. 25)

Esta radicalidade ideológica presente na proposta converge no passado da cidade, na nostalgia e vestígios da cidade áurea opondo-se ao atual crescimento da cidade, fortalecendo o centro e a sua relação com a envolvente. Na reestruturação da cidade da Covilhã, ao contrário da maior parte das cidades abrangidas pelo programa, não se interveio diretamente no centro histórico procurando, como já foi dito, estabelecer relações com a envolvente. Esta tentativa de “aplanar a cidade” (Img 21) e de construir contra as curvas de nível aproveitando as vistas e a exposição solar que são características fortes para o mercado imobiliário. (Milheiro & Gonçalves, As Pontes da Covilhã, 2003/2005, p. 26)

Nesta tentativa de recuperar a cidade após a queda e abandono da indústria dos lanifícios foram vários os arquitetos que contribuíram para que a cidade se reerguesse e ganhasse novamente importância no panorama nacional e internacional. Na época de apresentação do plano de intervenção verificava-se na cidade grande dificuldade de mobilidade, onde distâncias que em linha reta eram relativamente curtas quando percorridas pelos caminhos existentes requeriam



Termos de comparação (exist.)	Extensão	Desnível a vencer
Jardim Público/Mercado	700 m	15 m
S. Martinho/Pelourinho	700 m	40 m

Percursos Pedonais	Antes	Depois	Antes	Depois
Residencial/Mercado	1470 m	760 m	97 m	37 m
Palmatória/Pelourinho	1530 m	690 m	68 m	23 m
Estação/S. João de Malta	890 m	630 m	111 m	45 m
Pelourinho/St. António (Reitoria)	1730 m	730 m	55 m	34 m
Penedos Altos (igreja)/S. Francisco	1420 m	750 m	71 m	14 m
Penedos Altos (Acad.)/Pelourinho	1400 m	920 m	86 m	56 m
Rodoviária/Pelourinho	1490 m	950 m	127 m	53 m
Escola do Rodrigo/Pelourinho	850 m	540 m	95 m	69 m

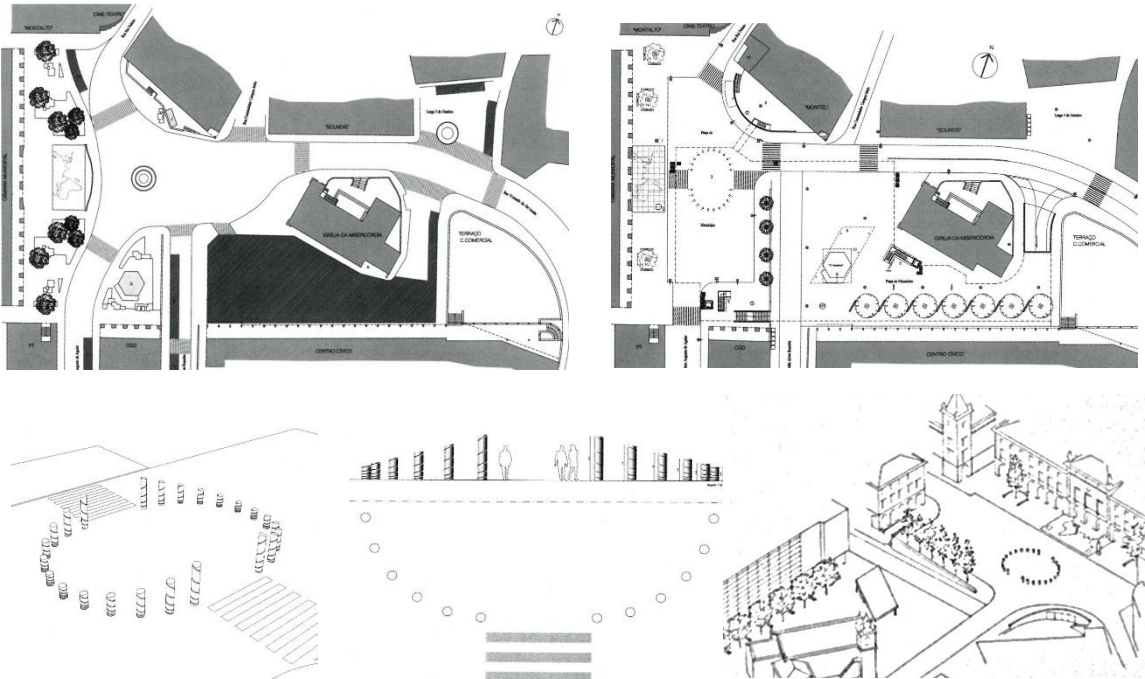
Img 24 – Plano de Mobilidade Pedonal, Nuno Teotónio Pereira, 2004 (Pereira N. T., 2009, p. 46).

alguma preparação física tornando-se longas e cansativas. Deste modo, com vista a solucionar esta deficiência, os autores do plano adotaram para a proposta tanto elementos mecânicos de elevação – elevadores e funiculares – em percursos desnivelados (Img 31), como pontes para resolver percursos de nível (Img 23). (Milheiro & Gonçalves, 2003/2005, p. 27)

O conjunto de intervenções levadas a cabo por Nuno Teotónio Pereira propõe reinventar a cidade, devolvendo-lhe esperança com um único foco de a tornar acessível. Teotónio Pereira na obra do seu atelier indicava dois temas chave: em primeiro o lugar, a prática conseguida através da experimentação, e o segundo o embasamento teórico fundamentado na contextualização e conhecimento do lugar. Como afirma Ana Tostões, Teotónio Pereira foi “um militante moderno contra o estilo «nacional»” (2004, p. 39), que procurou a “verdade da construção” (2004, p. 22) sem nunca esquecer a Escola de Lisboa, de onde veio. As intervenções com preocupação social são um marco na carreira do arquiteto sendo que desde cedo mostrou bastante interesse por causas participativas. A sua obra é dotada de grande rigor e realismo na atuação com as comunidades e seria indispensável na panóplia das intervenções urbana a tanto a nível regional como nacional. (Tostões, 2004)

Na grande escala, o atelier de Nuno Teotónio Pereira confirma a coerência no seu trabalho, encarando a realidade dos moradores e tendo como ponto de partida as preexistências e a topografia do terreno. Na Covilhã, ao abrigo do Programa Polis, o atelier teve um papel fundamental na reabilitação urbana da cidade. Pensou num conjunto de intervenções e procurou que todas elas estivessem interligadas nunca tendo ideias pré-concebidas de linguagem, estilo ou forma. Apresentou preocupação com a reestruturação urbana ao apresentar diversas propostas de intervenção na cidade defendendo que se devia “adotar uma morfologia urbana com tipologias construtivas adaptadas aos declives (...), preencher vazios adjacentes ao casco urbano para tornar a cidade mais coesa”, (Pereira A. N., 2005, p. 7) e assim revitalizar zonas que marcam a época áurea da cidade, aquelas que em tempos foram os pontos fortes da cidade e que hoje são vazios urbanos. (Pereira A. N., 2005, p. 9)

Ao abrigo do Programa Polis, o arquiteto projetou as alterações da Praça do Município (Img 30), delineou os planos de urbanização do Vale da Carpinteira e do Vale da Goldra e, integrados no Plano de Mobilidade para a Covilhã (Img 24), fez o plano de pormenor de São João de Malta e desenhou o Rossio do Rato (Img 20). Estes planos dão conta da “reabilitação de uma cidade industrial que em poucos anos se transformou numa cidade universitária.” (Afonso, 2005, p. 9). Uma cidade em processo de mudança que se redefina e encontra um novo rumo social, urbano, político e económico. A Covilhã em transformação que deixa para trás os vales e a sua beleza



Img 25. Antiga Planta do Município; Img 26. Alterações propostas pelo Programa Polis para a Praça do Município. (Pereira A. N., 2005, p. 51); Img 27. e 28. Esquemas da proposta para a Praça do Município. (Pereira A. N., 2005, p. 12); Img 29. Perspetiva da nova praça do Município. Img- 30 Praça do Município

natural e cresce de forma desenfreada rumo á periferia deixando para trás o centro histórico e o seu leito natural. (Afonso, 2005, p. 10)

O palco da primeira intervenção do programa é a Praça do Município, reabilitada entre 1999 e 2001, contrariando o abandono da cidade e criando condições de mobilidade num território acidentado como é o da Covilhã. Associado a essa intervenção e querendo ampliar e aplicar a toda a área citadina no plano de recuperação da cidade surgem os Planos de Urbanização do Vale da Carpinteira e do Vale da Ribera do Goldra com metas muito claras e específicas que visam revalorizar o centro da cidade, redefinindo-o. Esta proposta vai contra a tendência de crescimento desenfreado da cidade para a periferia, prevendo uma intervenção nos limites do centro. (Afonso, 2005, p. 10)

Estas duas grandes intervenções vão de encontro aos objetivos definidos pelo Plano Estratégico da Intervenção Polis na Covilhã, onde são delineadas metas que se definem em cinco pontos: 1. “revitalizar e preservar o património industrial” conferindo-lhe novas funções e usos, nomeadamente cultural e educacional; 2. “reabilitar os vales das ribeiras” através de políticas ambientais de despoluição e de criação de espaços públicos de qualidade; 3. “virar a cidade para os vales” é outros dos objetivos do plano, existindo a intenção de criar frentes urbanas voltadas para eles, dando-lhes vida e inserindo-os na malha urbana; 4. outra das metas que complementa este último é a criação de políticas que corrijam “o sistema de implantação de novas construções” numa tentativa de estabilizar a malha urbana e redefinir a paisagem urbana da cidade; e, finalmente, 5. “fortalecer a mobilidade pedonal” com o intuito de reduzir a necessidade de utilização automóvel no centro da cidade através da criação de acessos mecânicos ou pontes. (Afonso, 2005, p. 11)

A nível urbano um dos pontos mais delicados na cidade da Covilhã é a acessibilidade e mobilidade pedonal, já referido, como tal uma das principais intervenções de Nuno Teotónio Pereira foi desenvolvida na Ribeira do Goldra com o intuito de solucionar este problema numa das zonas mais movimentadas da cidade. O Rossio do Rato surge como uma proposta de desenho urbano que propõe a reabilitação de edifícios industriais para usos culturais, e a criação de um espaço público onde é privilegiada a ligação com ribeira numa tentativa de aproximação dos utilizadores do espaço com a natureza. (Fernandes J. M., 2009, p. 62)

Procurou-se nas propostas de intervenção do Programa Polis definir morfologias construtivas adaptadas aos declives, na tentativa de reconstruir uma cidade que defendesse a sua imagem e identidade. A construção de novos edifícios, desde finais do século XX, rege-se por legislação de planeamento do território, indo diretamente contra os planos de urbanização existentes há



Img 31- Escadaria de Santo André integrada na malha urbana, 2018.

décadas, fazendo com que a imagem da cidade da Covilhã se vá deteriorando, perdendo identidade e coesão. A cidade constrói-se como sendo plana, ignorando a sua topografia, onde os muros de suporte e as escavações marcam o seu tipo de construção. Como refere o arquiteto, a “triste realidade é que, quem avista a Covilhã, o que vê é uma cidade marcada por traseiras desordenadas de prédios e altíssimas empenas cegas” (Pereira N. T., Atenuar Malfeitorias, Adaptar Relevo, Preservar a Identidade, Consolidar o Tecido Urbano, 2005, p. 12) fazendo com que a cidade que antes abraçava a vertente agora a agride e não faça parte dela.

Na última década as condições de mobilidade na cidade viram-se alteradas, facilitando os fluxos pedonais existentes, que até então eram feitos necessariamente de automóvel pelo grau de dificuldade – inclinação e distâncias longas – que estes percursos tinham. O projeto não está ainda concluído, sendo que após a construção de diversos elementos que ligam diferentes cotas ou atravessam as ribeiras a mobilidade na cidade é decisivamente melhor. Facilitando deslocamentos e encurtando distâncias através de elementos que simbolicamente têm a função de *ponte*. (Milheiro, 2009, p. 60)



Img 32 – A baixa contemporânea afastada do centro , 2018.

5. Cidade Atual

O crescimento dos centros urbanos é um dos indícios que define a sociedade atual. Ao longo do século passado ocorreram transformações vitais no modo de vida do homem e nos seus modos de habitar. Esta transição, “tem-se feito acompanhar de profundas mudanças em todos os aspetos da vida social” (Wirth, 2011, p. 46), como consequência observa-se a mudança de uma população mundial maioritariamente rural para predominantemente urbana (Goitia, 1982/2014).

Portugal, a Europa e o Mundo, nas últimas décadas têm vindo a sofrer várias transformações culturais, económicas, sociais e políticas que obrigam as cidades a reorganizar o seu tecido urbano, a adaptar-se aos novos modos de vida e aos novos usos dos espaços. Nas cidades portuguesas estas transformações foram marcantes na paisagem urbana de cada uma, onde as alterações foram induzidas através da criação de infraestruturas, requalificação do espaço público, construção de equipamentos e readaptação de edificado para novos usos adaptados às necessidades atuais da população. (Jacinto, 2012, pp. 5-6)

Domingos Vaz, sociólogo, vê a cidade como “um fenómeno de coexistência humana em permanente mutação” (2008, p. 16), um ponto de concentração demográfica, económica e política a que correspondem diversas situações, atos isolados, que ocorreram em momentos e locais característicos onde o âmbito está num processo de mudança e em transformação contínua. Estas mudanças são provocadas por vários agentes de diferentes modos, sendo que “a cidade assemelha-se a uma espécie de sujeito coletivo que transfere algumas das suas características para os sujeitos individuais, conferindo-lhes identidade.” (Vaz D. M., 2008, p. 17) Porém, o contrário também acontece e com a mesma relevância. A cidade é verdadeiramente influenciada pelos que nela habitam e as transformações feitas pelas comunidades caracterizam-na e dão-lhe identidade. (Peixoto, 2008, p. 74)

Atualmente as cidades em Portugal presenciam uma forte e profunda crise, sejam elas históricas, consolidadas, interiores ou periféricas. Esta crise passa pelo abandono das cidades tradicionais, originando uma expansão desmedida das grandes metrópoles. Isto é o resultado de vários fatores políticos, económicos e sociais que dão origem à catastrófica mancha urbana que se forma em torno das grandes cidades estando isto diretamente ligado à qualidade de vida dos moradores, “diariamente, centenas de milhares de pessoas consomem anos de vida, agarrados ao volante, numa marcha enervante de para/arranca.” (Pereira N. T., 2003/2005, p. 20)



Img 33 - Alameda da Europa, 2018. Img 34 - Avenida da Anil, 2018. Img 35 - Nova zona urbana no sopé, 2018.

A investigação de Domingos Vaz foca-se sobretudo nas qualidades e virtudes que a cidade apresenta, dando especial destaque às suas origens, dotando o seu trabalho de uma identidade própria e singular. As cidades funcionam como lugar de trocas de experiências, vivências e afetos e isto reflete-se na cidade a nível simbólico onde a dimensão afetiva e as memórias das cidades são elementos cruciais na sua identificação, e o imaginário ganha especial destaque. (Vaz D. , 2004, p. 25)

Na nova noção de qualidade de vida, o património histórico e arquitetónico, o ambiente, a cultura e o lazer são aspetos fundamentais. Ao mesmo tempo que a universidade se fixou na zona alta e revitalizou intensamente a vida coletiva, foi-se desenvolvendo a “baixa contemporânea” da cidade (Img 32). Esta área difundiu-se a partir de uma serie de reformas urbanísticas definidas pelos eixos cruzados da Avenida da Anil (Img 33) e o Eixo TCT (via rápida que liga Tortosendo – Covilhã – Teixoso) (Img 34). Uma área em expansão, com vários equipamentos implantados que asseguram o seu desenvolvimento, contudo, grosso modo, com falta de qualidade arquitetónica e urbana. (Fernandes J. M., 2009, p. 52)

Neste novo centro urbano podem-se distinguir alguns equipamentos construídos nos últimos trinta anos como a Biblioteca Municipal, a central de camionagem, o Pavilhão de Feiras e Exposições (Pavilhão da ANIL), as escolas de ensino básico e secundário. O centro comercial, Serra Shopping, surge como um elemento marcante na urbe pela movimentação de fluxos e oportunidades de desenvolvimento urbano, sendo, contudo, considerado como um mau exemplo de arquitetura e de realização de cidade. Mais a sul podem-se referir a construção do Hospital Pêro da Covilhã, atual Centro Hospitalar da Cova da Beira (CHCB), o complexo desportivo e ainda os conjuntos de novos hotéis. A construção da Faculdade de Ciências da Saúde, nas imediações do CHCB, bem como o Colégio Internacional são marcas de uma nova qualidade arquitetónica na cidade. (Fernandes J. M., 2009, p. 52)

As políticas de crescimento urbano desenfreado, de ocupação dos subúrbios e periferias como áreas preferenciais para construção, despovoaram os centros e os edifícios que os compõem vão sendo abandonados, “permanecendo esquecidos e inertes ao desenvolvimento urbano circundante e transformando a paisagem num ser vivo em decomposição”. (Brito, 2013, p. 2)

Consequentemente “a cidade tende a parecer um mosaico de mundos sociais” (Wirth, 2011, p. 55) onde as diferentes zonas adquirem funções especializadas em que á medida que o transeunte se desloca na cidade se apercebe destas diferenças históricas, económicas e sociais de forma abrupta.



Img 36- A imagem da cidade marcada pelas traseiras do edificado, 2017. Img 37 – O centro histórico envolto em edifícios multifamiliares, 2018. Img 38 – Zona nova da cidade marcada pelo crescimento em altura, 2018.

Neste sentido, a observação atual da Covilhã através da forma de ocupação e uso do território evidencia o estado de abandono do património edificado e a perda de identidade do espaço público. Estes sinais apontam para o desperdício económico provocado pela falta de políticas de gestão do ambiente habitado e de ordenamento do território. Assim, a cidade atravessa uma crise onde se assiste à aplicação de sistemas contraditórios de desenvolvimento urbano e social. Por um lado, realizam-se obras de edifícios ligados à economia da cidade que prevê o seu crescimento, e por outro promove-se uma urbanização difusa, desqualificada, desordenada e ausente de qualidade urbana e arquitetónica.

A cidade da Covilhã passou por todo um processo de transformação social e urbanística nos últimos 50 anos, passando de cidade industrial com forte presença no mercado nacional e internacional para uma cidade exclusivamente universitária. Onde tudo se inverteu e os complexos fabris deram origem a polos universitários.

Atualmente a universidade tem um papel fulcral no desenvolvimento social e económico da cidade e, não sendo uma cidade afetada pela bolha imobiliária que se vive atualmente no país, vê também o seu centro histórico ser convertido, não para turistas, como Lisboa ou Porto, mas em alojamentos para estudantes. A problemática do abandono dos centros históricos e os guetos que se formaram alguns bairros sociais, os condomínios fechados e as grandes superfícies comerciais entre outros enclaves urbanos merecem ser analisados e estudados de modo a tentar inverter o processo de desenvolvimento negativo dos centros urbanos e promover um sistema qualificado de habitar (Fernandes & Cannatá, 2009, p. 13).

As sociedades contemporâneas “estão marcadas por processos de transformação que de modo mais ou menos intenso as modificam” (Baptista L. V., 2014, p. 27) e as tornam quase irreconhecíveis aos olhos de quem as conheceu a algumas décadas. As cidades adaptam-se as mudanças e a sua dimensão física releve essas transformações. Evidentemente esta dimensão urbana não tem as mesmas particularidades em todas as cidades sendo que têm cultura e história distintos. À medida que o tempo passa altera-se a identidade da cidade e todo o processo de urbanização passa por construir novos volumes na zona baixa da cidade (Img 38).



Img 39- A espaço natural que invade o espaço artificial, 2017.

Parte II Objeto de estudo: Bairro da Alegria

“a arquitetura é feita para nós a utilizarmos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que é a tarefa mais nobre da arquitetura, o facto de ela ser uma arte para ser utilizada.”

(Zumthor, *Atmosferas: entornos arquitetónicos - as coisas que me rodeiam*, 2006/2009, p. 69)

Nota:

As informações apresentadas na Parte II são o resultado da investigação levada a cabo nesta dissertação através de visitas ao local de estudo e experiências *in-loco*. O contacto com o espaço e os seus habitantes foram desde início uma mais-valia para a recolha de informação sobre o Bairro da Alegria. Esta proximidade criada com o objeto de estudo e a colaboração dos seus intervenientes foram o ponto fulcral para produção destes textos.



Img 40 – O Bairro da Alegria visto de fora, 2017. Img 42 – Placas de identificação das ruas do bairro com nomes característicos da época, 2017.

1. Análise

Apesar da reestruturação urbana da Covilhã ter sido iniciada, como já se disse, em 1973, com a construção do que viria ser mais tarde a universidade (Matos, 2009, p. 110), a urbe continua a apresentar zonas desertificadas que contribuem para um mau funcionamento da mesma. A existência de edifícios devolutos coloca questões pertinentes na arquitetura, sendo que a revitalização urbana, neste caso, não passa por criar edifícios novos em zonas em expansão, mas sim reabilitar os lugares que nela existem. (Costa, 2013)

O Bairro da Alegria, bairro operário construído em 1948 ao abrigo dos programas habitacionais da época e é exemplo desta desertificação urbana (José, 2012). Um lugar onde a alegria e a vida deram lugar ao silêncio e abandono. Construído no auge da indústria têxtil, surge para dar resposta às necessidades habitacionais da população que, na época, aumentou exponencialmente. O Bairro da Alegria foi construído especificamente para albergar a classe operária e a sua proximidade com o edificado fabril fez dele durante décadas um dos bairros mais movimentados e procurados por esta classe.

Localizado no extremo oeste da malha urbana cria o limite entre a cidade e a área florestal, o que lhe confere um carácter quase rural desde a época da sua construção. O bairro é composto por 46 habitações em banda, numa parte da encosta em que o declive é bastante acentuado. É construído sobre taludes e é marcado pelas vias pedonais de nível e pela presença de inúmeros acessos verticais que fazem a ligação entre as diferentes cotas (Img 40).

Na década de 1980 o bairro foi vendido, integralmente, a uma entidade particular e nessa altura entrou em decadência. As habitações começaram a degradar-se e uma vez que quem lá habita não tem possibilidades financeiras para fazer reabilitações das habitações, esta situação, com o decorrer do tempo, só tem vindo a piorar. Atualmente está desprovido de qualquer salubridade, com a falta de condições, de acessos e a degradação do edificado a provocar um crescente abandono por parte dos seus moradores e conseqüente perda de características que lhe dão identidade, não convidando outros a querer habitá-lo. Contudo é um lugar com potencial, com vista privilegiada sobre a encosta que cria uma forte relação entre os elementos da natureza e o homem.

A relação entre o espaço físico e social, desde sempre, foi uma característica do Bairro da Alegria sendo a relação entre os dois espaços bastante forte, é um lugar onde a casa começa na rua, para quem a rua é lugar de estar, de encontro e de expansão (Gonçalves, 2014).



Img 43 - Morador que observa a vida que passa lá fora, 2017.

1.1. Observação Social

As cidades surgem como projeto de vida coletiva e, por essa razão, não podem deixar de ser entendidas como um todo, como refere Leonardo Benevolo “o esqueleto do dinossauro é uma parte física do dinossauro inteiro, ao passo que o cenário urbano é um espectro do corpo social a ele ligado por relações funcionais menos diretas e mais complicadas” (1984/2011, p. 19). Existe uma preocupação crescente, por parte de quem projeta cidade, em que o diálogo entre o espaço físico e o espaço social seja coerente, procurando que os dois se interliguem de modo a construir cidades mais coesas.

O bairro desde sempre foi considerado um lugar de práticas sociais, de criação de laços, em que as relações de vizinhança foram sendo muito fortes e vincadas. Para Goitia (1982/2014), existem dois tipos de cidade em que as relações de vizinhança são exploradas de formas diferentes, “cidades domésticas e cidades públicas” (p. 11). As relações de vizinhança são distintas consoante o tipo de cidade que se habita, sendo que “o verdadeiro *habitat* é o exterior” quando se fala de uma *cidade pública*; e “a cidade íntima tem o seu *habitat* na casa” (p. 12), sendo estas consideradas pelo autor como as relações de vizinhança da sociedade atual.

Aqui, os laços outrora fortes perderam intensidade. Os vizinhos eram os amigos de infância e colegas de escola, eram parentes e companheiros de jogos, agora as crianças que brincavam na rua com os vizinhos deram lugar a idosos que ficam sozinhos nas diversas ruas do bairro. Aqui, onde as ruas eram fartas e cheias de gente, onde soava o toque de entrada ou saída da fábrica e se fazia ouvir o burburinho de quem começava ou terminava o dia trabalho, resta apenas o som da campainha da antiga fábrica que ecoa na memória dos que ainda lá estão e recordam esses tempos, no Bairro da Alegria. Tal como refere Goitia, “Nada do que acontecia naquele pequeno mundo podia ser reservado e secreto. Tudo era de todos, e as debilidades mais íntimas que o homem esconde eram ventiladas no pátio” (Goitia, 1982/2014, p. 173).

A população residente no bairro é idosa, com poucas habilitações literárias e na sua maioria com passado ligado à indústria têxtil. Os arrendamentos das habitações, devido à grande procura por parte da classe operária, foram sendo deixados como heranças, em que os primeiros moradores cederam as casas aos seus herdeiros. Por esta razão, há famílias que habitam a mesma casa desde a época da construção do bairro, gente que nasceu ali. É certo que quem lá viveu e cresceu na época áurea do bairro transporta em si memórias desses tempos, mas quem lá vive atualmente carrega aos ombros uma tristeza por, na maioria dos casos, não ter possibilidades financeiras para melhorar ou recuperar as suas casas.

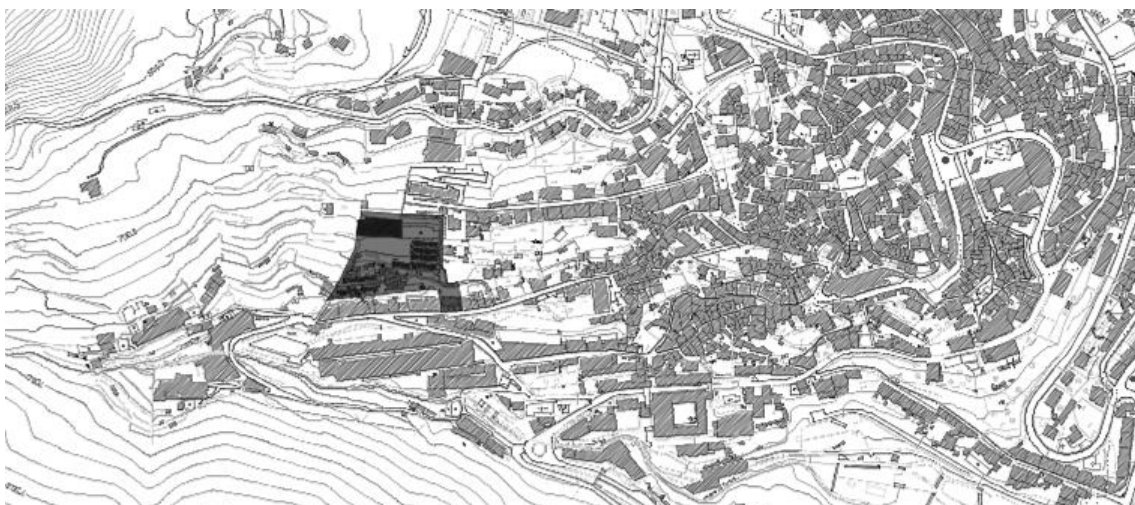


Img 44- Moradoras à conversa na Praça da Vitória, 2018. Img 45 - O lugar de partilha que dá lugar é solidão, 2017. Img 46 – A roupa estende-se cá fora, à vista de todos, a casa começa na rua, 2018.

Os que ainda resistem à saída do bairro gostam de viver ali, apesar de todas as lacunas que este apresenta. É um lugar carismático que conta a sua história, todos os cantos e recantos têm algo a dizer. Contudo o abandono do bairro é visível, a grande maioria das habitações encontra-se desabitada e, por isso, os que ainda lá vivem vão sentindo o peso da solidão que é cada vez maior.

Nos últimos anos, assistiu-se a uma tentativa de reabitar essas casas através de políticas de ação social. O proprietário do bairro estabeleceu várias parcerias com associações de reinserção social que têm como principal objetivo integrar os seus utentes na comunidade, procurando realoja-los e melhorar a sua qualidade de vida. No entanto, esta relação entre os novos inquilinos e os mais antigos nem sempre é fácil e harmoniosa.

Atualmente, moram no bairro aproximadamente uma dezena de pessoas com idade acima dos 60 anos. São pessoas com necessidades especiais principalmente porque a sua saúde está cada vez mais débil. A deficiência dos acessos ao Bairro da Alegria é uma das condicionantes para os moradores, pois a sua mobilidade é cada vez mais reduzida. Algumas destas pessoas não saem do bairro, passam lá os seus dias devido ao facto de não se conseguirem deslocar dali.



Img 47 – Travessa Marquês de Pombal, 2018. Img 48 – Travessa da Saudade, 2018. Img – 49 – Escadas da Saudade, 2018. Img 50 – Vista aérea da cidade e identificação do bairro (Bing, 2018). Img 51 – Planta de localização do Bairro da Alegria.

1.2. Observação Urbana e Arquitetónica

Como já foi referido antes, a cidade da Covilhã pode considerar-se como dividida em duas zonas distintas, a parte mais alta onde se encontra o centro histórico e as lembranças físicas de uma cidade dos lanifícios e a zona nova que se encontra na parte baixa da cidade. A malha urbana e as edificações destas são muito diferentes, enquanto a zona antiga é composta maioritariamente por habitações unifamiliares e bairros que se desenvolveram em torno de antigas indústrias, a zona nova é marcada por habitações multifamiliares e pelo crescimento vertical.

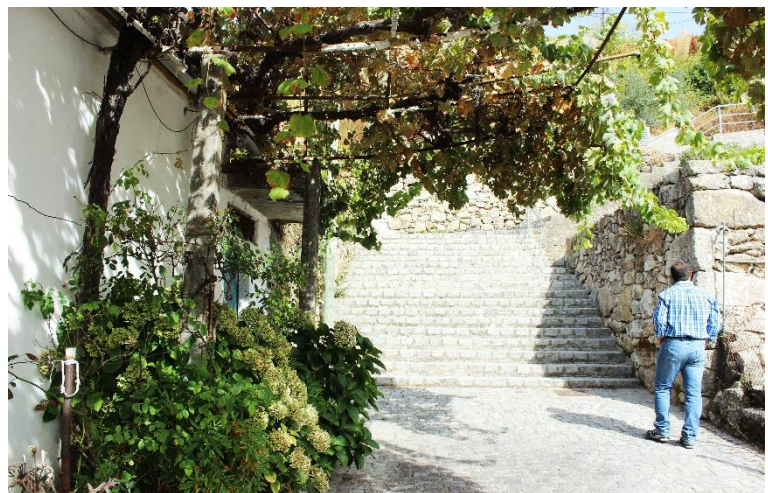
Localizado na parte mais alta da cidade e no extremo oeste da malha urbana, contrário ao crescimento atual da cidade para a cota inferior, o Bairro da Alegria cria o limite entre a zona urbana e o meio rural. Esta proximidade com a zona florestal, onde se encontram algumas habitações unifamiliares com grandes logradouros, assim como a própria morfologia do bairro conferem-lhe um carácter semirural ainda que estando dentro da cidade.

É ladeado a norte pela Rua da Saudade, uma rua com um carácter dormitório, onde existe somente um café no início da rua e, no extremo oposto, uma padaria. A sul o seu limite é definido pelos logradouros de um conjunto de edifícios multifamiliares mistos que confinam com a Rua Marquês de Pombal. Estes edifícios contrastam diretamente com a morfologia do bairro pelas suas dimensões e funções. Nas imediações encontram-se também vestígios do que em tempos foi a grande indústria fabril. Existe uma fábrica ainda em funcionamento e também a universidade que resulta da reabilitação de uma indústria. Isto faz com que a zona seja movimentada, com grandes fluxos pedonais e rodoviários. A diversidade morfológica do edificado e dos seus estilos arquitetónicos fazem dele um lugar sem referências homogêneas e coerentes.

O bairro é composto em banda, numa zona da encosta em que o declive é acentuado. Estas habitações distribuem-se por seis ruas paralelas (Img 52) em que a comunicação entre elas é feita maioritariamente por escadas (Img 55). O bairro é estritamente pedonal no seu núcleo, pois os únicos acessos rodoviários existentes são duas ruas perpendiculares à Rua Marquês de Pombal (Img 47 e 48), com uma inclinação abrupta e que dão acessos às extremidades do bairro, a sul. Estas transversais são utilizadas exclusivamente por moradores, pois são ruas sem saída que só dão acesso ao bairro e a alguns terrenos de cultivo. Estas características fazem com que cada vez mais o bairro se encontre isolado da cidade em resultado, também, da importância da circulação automóvel como modo de deslocação contemporânea.



Img 52- As latadas que fazem sombra na fachada no verão, 2017. Img 53 – Os ramos que denunciam o inverno, 2018. Img 54 – Entrada do Bairro da Alegria pelo lado nascente, com vista para a montanha que é absorvida pela neve, 2018.



Img 55- Escada de cubos de granito e a Praça da Vitoria, 2018. Img 56 – Zona norte do bairro com acessos verticais entre as diferentes cotas, 2017. Img 57 – A vegetação e a sua relação com os elementos estáticos que marcam as dinâmicas do bairro, 2017.



Img 58- As casas que começam cá fora e se apropriam do espaço público, setembro 2017.

A dialética entre o espaço público e o privado, no bairro, é feita de forma bastante interessante. A rua, na sua origem, não funcionava como espaço de passagem ou acesso a um local, ela era por si o local. *“Dormia-se na rua, vivia-se na rua!”* afirmou a Dona Irene, moradora, em conversa. A rua era um espaço de partilha e convivência, onde os moradores passavam muito tempo, um espaço de estar e interagir com os outros. Neste sentido, os espaços, pelo crescente abandono do bairro, tornam-se sombrios e o que antes eram marcas de utilização hoje são vestígios do que em tempos foi a vida no bairro. Uma vez que se vivia na rua, a linha que separa o espaço público e privado é por vezes inexistente fazendo com que os espaços públicos acabem por ser também privados e vice-versa.

As casas em banda, que definem a imagem do bairro, apresentam uma métrica de fachada em que existe uma repetição do módulo Porta-Janela. Contudo a materialidade destes elementos difere de habitação para habitação. Quando o observador se desloca apercebe-se da apropriação que foi feita pelos utilizadores do espaço ao longo do tempo. Nos logradouros em frente às habitações existiam hortas, terraços e algumas construções que funcionavam como arrumos. A imagem do bairro é marcada pela presença e diversidade destes elementos externos à construção como tanques, bancos, mesas, floreiras e até pequenas construções de apoio às habitações. Estes elementos foram sendo colocados e construídos de acordo com as necessidades dos utilizadores de cada espaço (Img 58).

A degradação do edificado do bairro é crescente mesmo após a intervenção da CMC nos espaços públicos, em 2009. Até então todos os percursos internos do bairro eram de terra batida sem qualquer tipo de pavimento. Esta intervenção deu uma nova imagem ao Bairro da Alegria, melhorando os espaços públicos e consequentemente convidando os transeuntes a deslocarem-se no seu interior. Porém, como foi referido anteriormente, estando uma grande parte das casas inabitadas e em ruína, estas características fazem com que o que antes era sinal de vida e utilização do espaço nos dias de hoje sejam marcas de abandono e o bairro se torne sombrio.

As casas são de pequenas dimensões com apenas 20 m² ou 25 m², e o seu interior está dividida em três áreas: quartos, cozinha e sala e, em alguns casos, uma instalação sanitária rudimentar construída pelos moradores (Img 59). A habitação apresentada na Imagem 60 conta ainda com um anexo construído no seu tardoz onde se encontra a cozinha. Esta intervenção foi feita integralmente pelo inquilino, de modo a que o espaço de entrada funcionasse como sala e para que tivesse mais espaço para a família nas áreas comuns. Porém o acesso a este anexo é feito por um dos quartos. Esta situação não é única pois, como referido, o bairro está coberto de anexos e telheiros construídos ao longo do tempo consoante as necessidades dos utilizadores do espaço.



Img 59 – Interior de uma das poucas casas habitadas com algumas alterações à construção inicial, 2017.



Img 60 - Interior da habitação Tipo desabitada, 2018.

1.3. Análise SWOT

A análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats) é uma ferramenta utilizada em diversas áreas do saber, essencial no âmbito do planeamento. Este tipo de análise é feita através da recolha de dados relevantes que determinam o ambiente interno – pontos fortes e pontos fracos – e o ambiente externo – oportunidades e ameaças. (IPAMLab, 2014)

1. STRENGTHS - Pontos Fortes do Bairro da Alegria

Forte relação com a natureza

Localização (proximidade com a universidade e centro histórico de interesse cultural)

Relação com a história da cidade

Orientado a Sul

A cidade da Covilhã está dotada de um leque diversificado de recursos com potencial, com uma boa acessibilidade rodoviária, proximidade com o parque natural da Serra da Estrela, proximidade com aldeias inconfundíveis, presença do Rio Zêzere e o centro histórico no coração da cidade faz com que tenha interesse tanto para os seus habitantes (atuais ou potenciais) como turistas que visitem a Região Centro de Portugal. (IPAMLab, 2014)

O Bairro da Alegria, sendo parte integrante da cidade, e por isso possuidor dessas características, funciona como elo de ligação entre a cidade e a serra, o que lhe confere um carácter de transição. Esta característica é uma mais valia para o bairro pois permite aos seus moradores usufruir da paz e tranquilidade da vida rural, ter contacto direto com a natureza e os seus recursos estando a poucos minutos do centro da cidade e de todos os serviços que ela oferece. A proximidade com a universidade e com o que ainda resta dos antigos empreendimentos industriais em funcionamento é uma mais valia para o bairro e daí a sua localização ser um ponto forte.

Este tipo de construção em taludes e a sua orientação a nascente proporciona uma boa insolação nos meses de inverno e as vistas panorâmicas sobre a encosta e a planície fazem dele um lugar agradável, onde os lugares sombrios e escuros dão lugar a pátios e pequenas hortas.

A história da cidade passa pelo Bairro da Alegria, fazendo ele parte de uma época que define a cidade, a cidade-industrial, sendo assim um local de interesse cultural tanto para moradores como para transeuntes. Estar no bairro é estar diretamente dentro da história da cidade com todas as características que remetem para essa época e dão ao utilizador do espaço inúmeros materiais para que possa perceber a própria cidade e a forma como ela evoluiu.

2. WEAKNESS - Pontos Fracos do Bairro da Alegria

Declive acentuado

Fraca acessibilidade

Degradação do edificado

Habitações com áreas reduzidas

Construída na vertente, a Covilhã distingue-se pela sua morfologia urbana. A zona do bairro, como referido anteriormente, tipifica-se pelo seu declive bastante acentuado. O acesso ao Bairro da Alegria é também condicionado pelo declive do terreno. Tem, a sul, dois acessos viários de dimensões reduzidas com uma inclinação abrupta em que a dificuldade em percorrê-las pedonalmente é elevada e o acesso a pessoas com mobilidade reduzida impossível. A norte a entrada é feita por uma escadaria também ela bastante inclinada contruída na mesma época do bairro.

Existe ainda uma reduzida capacidade de investimento por parte das autarquias na qualificação e reabilitação do que hoje são vazios urbanos, bem como por parte de entidades privadas de investir em zonas que, *a priori*, precisam de um grande investimento para que possam ser reabilitadas (IPAMLab, 2014). Por conseguinte, ao longo do tempo, o Bairro da Alegria foi-se deteriorando e os inquilinos, sem possibilidades económicas, não responderam às necessidades de reabilitação que o complexo apresentava. O edificado tende a ficar cada vez mais degradado sendo que alguns volumes se encontram em fase de ruína total.

A frente do edificado pertencente ao bairro coexiste com os alçados tardoz dos edifícios que confinam a Rua Marquês de Pombal e uma vez que os logradouros existentes entre o bairro e esses edifícios estão baldios não oferecem qualquer qualidade à comunidade. Estes espaços, também devido à sua inclinação funcionam como barreira física entre os dois conjuntos urbano-arquitetónicos.

A acompanhar este estado de declínio na conservação do parque habitacional junta-se o facto de o bairro não dar respostas às necessidades da sociedade atual. A organização espacial interior das habitações não corresponde ao que hoje é o modelo de habitação mínima, contendo inúmeras divisões que fazem com que o espaço não seja flexível nem adaptável.

3. OPORTUNITIES – Oportunidades do Bairro da Alegria

Aumento do interesse pela reabilitação

Inexistência de concorrência de oferta

Cidade Universitária

Aumento do interesse pelo contacto com a natureza

Em várias cidades europeias as estratégias predominantes de políticas urbanas tendem a inverter-se, tirando mérito à construção de novos centros urbanos e dando ênfase à reabilitação de áreas anteriormente urbanizadas e consolidadas (Peixoto, 2008). Na Covilhã o projeto de reabilitação da cidade inicia-se com a instalação da universidade em antigas fábricas e desde então várias indústrias e bairros construídos na época têm vindo a ganhar novos usos e a despertar o interesse da autarquia e investidores. Existem no Bairro da Alegria fábricas devolutas, grandes áreas com potencial que podem ser reabilitadas para solucionar, por exemplo, problemas de estacionamento nesta zona e também servir o próprio bairro.

A presença da UBI na cidade traz-lhe diversas e variadas oportunidades e o Bairro da Alegria, devido a sua proximidade com alguns polos da universidade, é assim um local de interesse para novos moradores relacionados com esta área. Investigadores, corpo docente descolado da área de residência e estudantes em início de vida são alguns dos exemplos de público alvo que o bairro pode albergar.

O contato com a natureza é cada vez mais um interesse da população, daí a existência de vantagens competitivas sustentáveis na exploração dos recursos que ela oferece. Atualmente é feita uma exploração reduzida dos recursos, no entanto eles existem e pertencem ao bairro, os solos férteis e as árvores de fruto existentes permitem a criação de espaços de hortas.

As particularidades que estão na génese do bairro são características suas, desenvolvidas neste âmbito e por essa razão únicas no meio. O Bairro da Alegria prima pela diferença e distinção nas suas características, para muitos bastante positivas e vistas como oportunidades.

4. THREATS – Ameaças do Bairro da Alegria

Bairro inteiramente pedonal

Rede de transportes públicos escassa

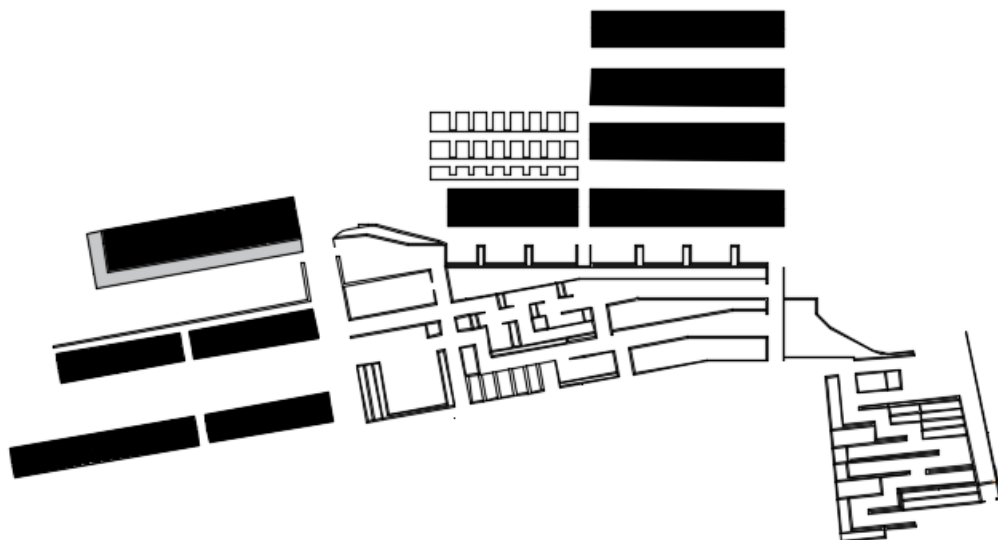
Reduzido interesse por parte dos investidores

Falta de oportunidades de trabalho

O Bairro da Alegria marca a diferença pelo seu carácter única e exclusivamente pedonal no seu núcleo. Este facto pode ser considerado uma ameaça para o bairro devido ao facto de a sociedade atual estar bastante dependente do uso de veículos motorizados. Existe uma necessidade hoje em dia de utilizar o transporte privado e que este esteja o mais perto possível dos destinos dos seus utilizadores. Esta necessidade pode ser considerada uma ameaça para o bairro, pois no seu interior é inteiramente pedonal e os acessos viários são limitados. A dificuldade de acessos e as vias extremamente inclinadas e estreitas dificultam a circulação de veículos pesados, o que faz com que a rede de transportes públicos nesta zona da cidade seja escassa. A paragem de autocarro mais próxima do local de estudo fica a aproximadamente 750 metros num terreno com declive bastante acentuado.

Estas razões aliadas ao elevado custo do bairro afastam os potenciais compradores deste investimento. A sua degradação, a nível habitacional como urbano, prevê para além do investimento inicial de compra um investimento de valor igual ou superior para a sua reabilitação.

A desertificação do interior e o desemprego geram fragilidades a nível do empreendedorismo local. Uma das graves consequências que se pode verificar é a falta de mercado para mão de obra qualificada como pessoal com cursos superiores e técnicos. Esta debilidade no mercado de trabalho não permite ascendência na carreira nem que novos profissionais encontrem emprego nas suas áreas de formação. Assim, a problemática do emprego pode ser uma ameaça não só para a cidade como também para a região, porém são várias as políticas que tem vindo a ser adotadas nas cidades Covilhã e Fundão para que esta tendência se inverta. A criação de novas empresas e a sua implantação no concelho são algumas dessas medidas.



Img 61 – Esquema da proposta de reabilitação do Bairro da Alegria, 2018.

1. Um novo olhar sobre o Bairro da Alegria

No presente capítulo é apresentado um projeto de reabilitação para o Bairro da Alegria. A proposta foca-se numa ideia de espaço de convivências humanas, espaço público e privado em que os dois se relacionam e interligam e, por essa razão, se prevê a reorganização de todo o espaço ao bairro. Esta opção vem ao encontro de um certo consenso existente hoje em Portugal sobre a urgência em dinamizar a reabilitação urbana conferindo especial importância ao reforço de medidas que visem estimular a recuperação das cidades, com preocupações de natureza social, económica, ambiental e arquitetónica.

1.1. Questões Iniciais

Preencher áreas devolutas no núcleo central da Covilhã, contrariando o atual crescimento periférico e contribuindo para a renovação do centro histórico alargado dando rentabilidade ao comércio e serviços existentes. Assim prevê-se uma diminuição da necessidade do uso do automóvel devido a proximidade com as infraestruturas.

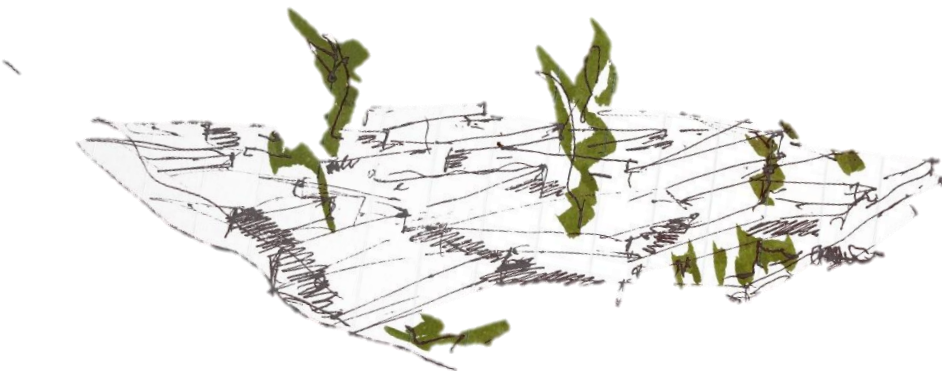
Integrar o bairro na malha urbana, de modo a que a atual quebra e descontinuidade se dissipe tornando a urbe mais coesa e contínua. O bairro funciona como barreira entre duas áreas e objetiva-se uma reintegração física e social do bairro na cidade.

Promover o tráfego pedonal na zona alta da cidade, entre a Rua da Saudade e a Universidade, inserindo na malha urbana elementos públicos como ascensores e escadas.

Preservar a memória do lugar através do património existente, que se caracteriza por habitações de pequenas dimensões cravadas nos socacos da encosta criados pelos muros de pedra que representam uma época marcante para a cidade, da mesma tem-se como premissa a identidade local na reforma as fábricas devolutas situadas a norte.

Garantir, uma vez que o bairro é inteiramente pedonal, zonas de estacionamento nos limites do mesmo de modo a colmatar as carências existentes neste domínio, tanto para moradores como para quem usufrui dos espaços públicos.

Criar infraestruturas que permitam a autonomia do bairro como, por exemplo, lavandaria, comércio e espaços comuns, bem como promover fluxos pedonais que favoreçam a instalação dos mesmos, dinamizando o tecido habitacional.



Img 62 – Esquiço da proposta apresentada para o espaço público, 2018.

1.1. Narrativa de Processo

Para Peter Zumthor (2006/2009), em projeto de arquitetura, a nova obra intervém num qualquer contexto histórico e para que esta se possa integrar é fundamental que haja uma certa tensão entre os dois elementos: novo e existente. Através da sua analogia, na obra *Pensar a Arquitetura*, entende-se a forma como o novo que cria uma relação com o existente, em que este provoca e depois coexiste: “lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.” (p. 17) É com base nesta relação entre novo e o existente que a proposta de intervenção no Bairro da Alegria se desenvolve, procurando criar pontos e tenções mais ou menos insinuadas que, ao mesmo tempo que provocam, levam o transeunte a deslocar-se no espaço e a descobri-lo.

No planeamento do território existem vários intervenientes, entre eles o arquiteto e os habitantes. O arquiteto através das metodologias que adota cria diálogos de conversação onde dá voz ativa aos moradores, a quem habita o espaço e realmente conhece as suas vivências. Neste sentido a arquitetura não é do arquiteto, mas sim das pessoas para quem é projetada (Mota, 2013). É neste sentido que a proposta de reabilitação arquitetónica e urbana para o Bairro da Alegria foi desenvolvida, nunca esquecendo os que lá habitam e a sua relação com o meio envolvente.

Após a fase de investigação histórica, levantamento arquitetónico, identificação de patologias e respetiva análise, deu-se início ao projeto de intervenção no Bairro da Alegria. A **proposta de qualificação** do Bairro da Alegria esteve longe de soluções imediatas, uma vez que se trata de uma intervenção que ambiciona marcar positivamente a vivência urbana e comunitária do bairro, com casos de apropriação abusiva e fechado sobre si. Dificuldades a que acresciam uma topografia irregular e acessos desatualizados. Partindo de uma situação complexa, o projeto foi orientado por algumas premissas aparentemente contraditórias: estabelecer uma solução uniformizadora para o bairro; contrariar a apropriação abusiva do espaço público e torná-lo moldável à apropriação quotidiana da comunidade e integrar o bairro na malha urbana através de criação de infraestruturas.

O projeto pretende coser-se com a malha urbana existente numa relação de complementaridade e não de concorrência. As exigências, ao projetar o espaço urbano, passam por domínios que por vezes são desvalorizados, onde “o ambiente, o património histórico e arquitetónico, a cultura e o lazer se tornam aspetos fundamentais na nova conceção de qualidade de vida.” (Vaz D., 2004, p. 21). A memória do lugar, o respeito pelo património



Img 63 – Maquete de estudo da área de intervenção, 2018.

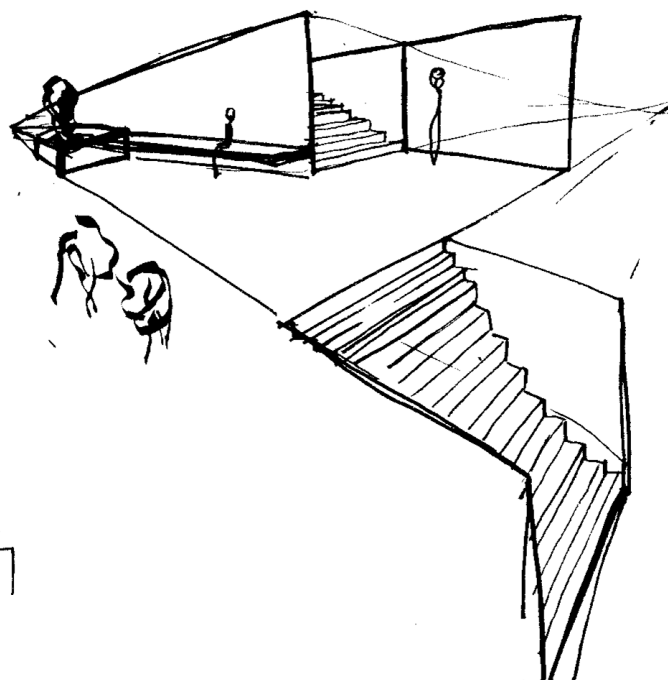
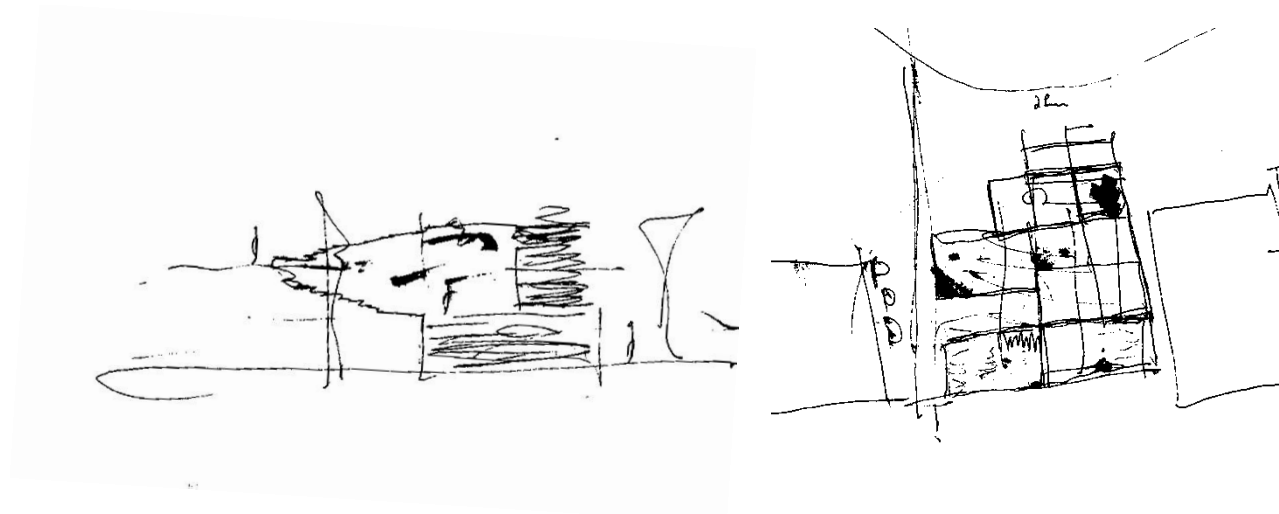
histórico e a valorização do existente ganham força principalmente em lugares com uma história carismática como é a Covilhã.

Uma vez que a revitalização urbana é urgente para contribuir para um equilíbrio social do bairro e da cidade, o desenvolvimento desde trabalho prende-se com a necessidade de integrar o bairro na cidade e, deste modo, procurou-se fazer uma intervenção arquitetónica e urbana trabalhando com os domínios público e privado. Numa primeira fase, foi analisado o local e a sua envolvente de modo a definir as diretrizes da proposta. Ocorre, portanto, afirmar que a ideia de modificar ou transformar da proposta surge como momento de reabilitação do existente, atuando numa área residencial pré-existente e também fazendo transformações no território metropolitano através da implementação de infraestruturas.

O estado de adulteração e abandono do bairro permite identificar elementos de maior carga poética que o projeto procura reverter a seu favor. A proposta reconstrói com eles e a partir deles a memória do tempo decorrido e viabiliza os novos usos do espaço. A intervenção deve assim pôr em evidência o conjunto proposto, oferecendo a quem vive um percurso pelos vários estratos históricos de que o bairro é depositário.

Na elaboração desta proposta procurou-se salvaguardar o que é importante e introduzir o que é necessário com base em três palavras chave: demolir, recuperar e construir (Imagem 63). É com base nestes três conceitos que a proposta se desenvolve, apresentando zonas de demolição, recuperação e construção de novos volumes que emergem na encosta. No local de intervenção existem várias construções em ruína, devolutas ou em mau estado de conservação que continuam a ser habitadas, bem como logradouros que outrora foram hortas e hoje são áreas subaproveitadas. Posto isto, a reforma de modernização do bairro assenta numa melhoria programática acrescentando e recolocando espaços funcionais, assim o programa desenvolvido contempla áreas de lazer, habitação, hortas comunitárias, serviços e infraestruturas. O projeto propõe a definição de um espaço contínuo, com a mesma linguagem nos seus vários elementos sendo pensado como um todo e não por fragmentos. Esta opção dá lugar a um grande espaço público em harmonia com o privado.

Sendo a relação com a paisagem um elemento chave do projeto a percepção que temos dela é “uma «evidência», uma injunção implícita, e é evidente que a paisagem é bela. Nada se equipara à bela paisagem. Ela é dada, apresentada aos sentidos como um usufruto, um repouso. «Eis a natureza que te aguarda e te ama...»” (Cauquelin, 2015). É através da valorização da qualidade paisagística que é definido o carácter do espaço público. Zumthor (2006/2009) relativamente ao carácter do espaço diz que o elemento fechado, em bloco “isola o espaço no seu interior”



Img 64 – Esquiços da proposta apresentada para o acesso vertical e ambientes criados, 2018.

(p. 21) e que o elemento aberto, cria uma forte ligação com o espaço exterior “ligado ao contínuo infinito” (p. 22).

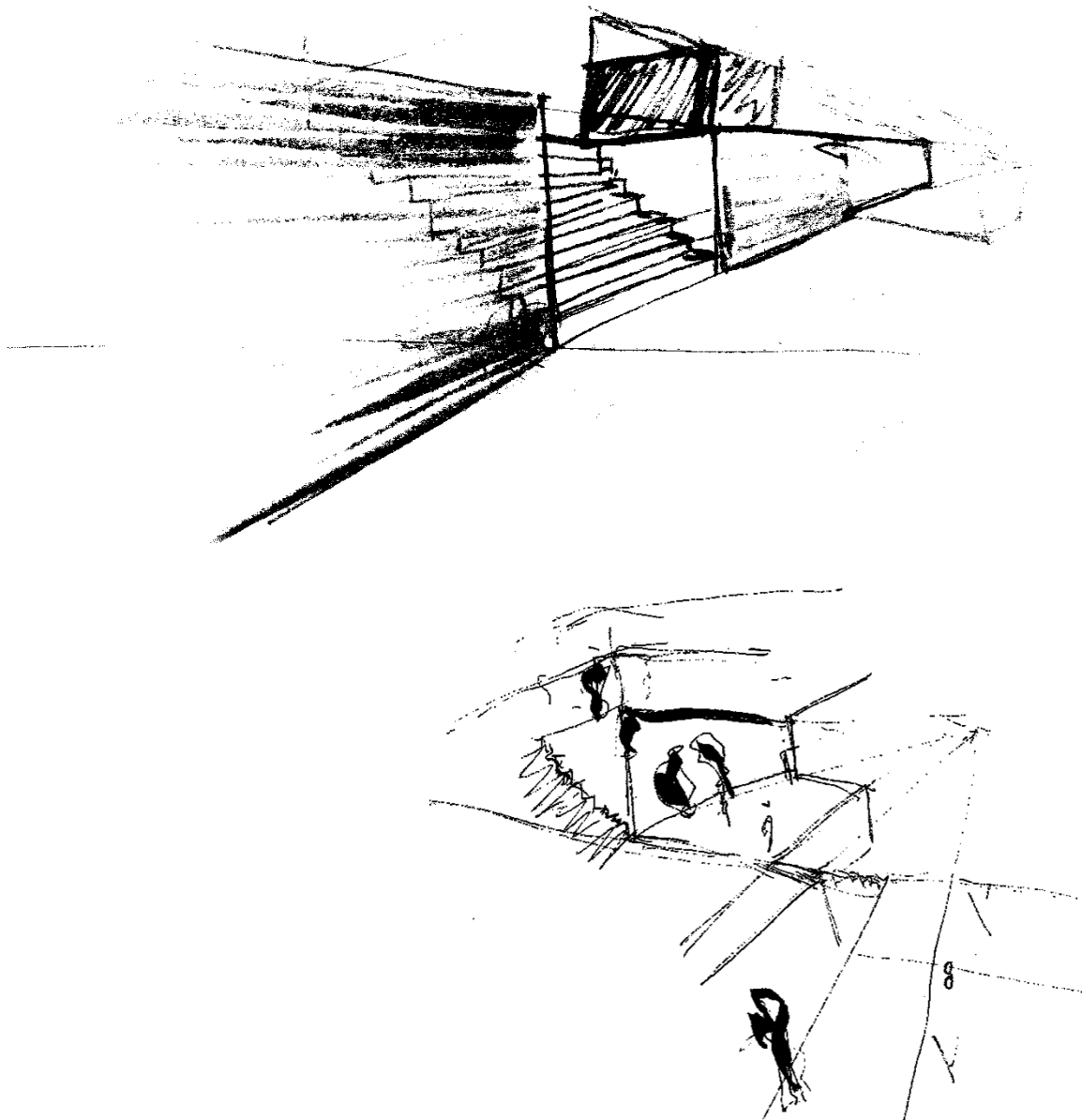
Procurou-se encontrar um sentido para um território que se encontra construído pela acumulação de elementos, sem hierarquias. É esta procura de sentido que permite estabelecer relações entre o construído e fazer com que os vazios se tornem significantes para assim poder construir uma urbanidade e uma paisagem.

A introdução de infraestruturas na malha urbana consolidada representa uma oportunidade para redesenhar, requalificar e valorizar as áreas criando ainda condições para a requalificação de edifícios envolventes pertencentes ao domínio privado. No Bairro da Alegria é urgente a criação de **acessos**, uma vez que é uma área desconexa e deficitária. Sentiu-se necessidade de o tornar acessível a todos, ligando-o à Rua Marquês de Pombal, sendo esta uma das principais vias de acesso à universidade.

Entendeu-se que, mais importante do que a resolução desta nova infraestrutura a título individual, esta deveria interferir no território globalmente na medida em que este pode ser transformado a partir da sua instalação. Criando assim um fio condutor com outras intervenções ligadas ao “aplanar da cidade”, conceito já referido e objetivado pelas intervenções de Teotónio Pereira no Programa Polis, estabelecendo uma ordem no território.

Esta coluna de acessos prevê a instalação de um elevador e também a criação de um percurso definido por escadas e plataformas de estadia que, devido à relação com a paisagem, funcionam como miradouros. À medida que o observador se desloca a perceção do meio que o envolve altera-se e a presença vincada de elementos verdes ao longo desse percurso intensifica essa ideia de diferenciação dos espaços, criando uma relação mais íntima com os elementos naturais (Img 64).

Este conceito é transposto para **o parque** criado na zona sul do bairro. Em que a intervenção é definida pela diversidade de espaços e volumetrias criadas, através da introdução de elementos sólidos ou elementos vegetais, melhorando das condições de segurança e conforto na circulação pedonal, criando diferentes percursos. Na definição funcional do espaço encontram-se várias zonas interligadas por ideologias de percurso ou estadia, distinguidas, por exemplo, pela dimensão das escadas e da sua presença no desenho urbano (Img 65). Escadas mais longas e baixas preveem um fluxo mais calmo, de observação e contemplação, enquanto que escadas mais curtas e evidenciadas denunciam um percurso mais acelerado e de passagem.



Img 65 – Esquiços da proposta apresentada para o espaço público, 2018.

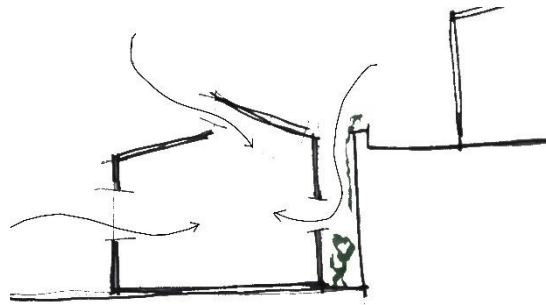
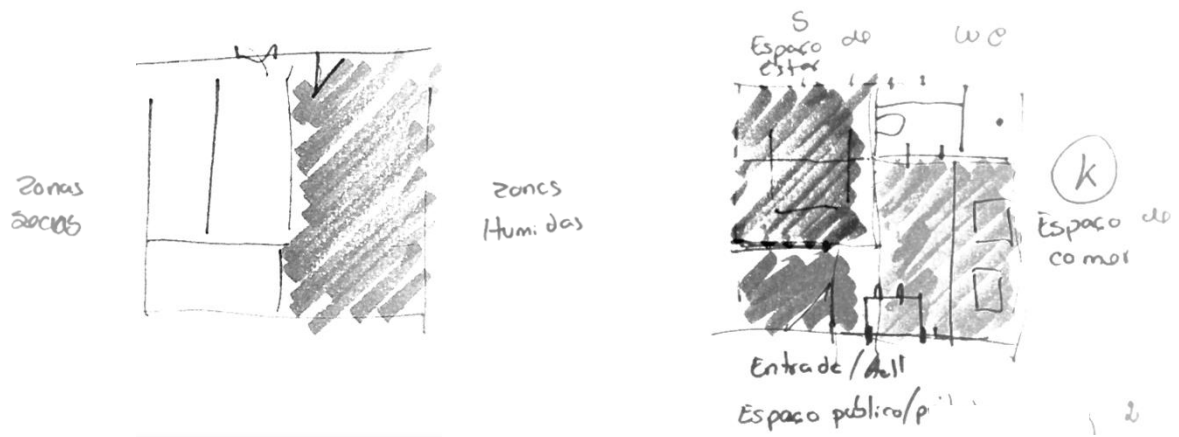
O parque foi desenhado segundo uma matriz originada pelo cruzamento de duas malhas estruturais do desenho urbano do bairro. O projeto, para os espaços do parque, procura sedimentar as virtudes urbanas encontradas no bairro e que se prendem essencialmente com a capacidade de o espaço em questão potenciar a vida urbana. Pretendeu-se introduzir condições de estadia nos espaços, criando pequenas áreas ajardinadas em conjunto com outros materiais procurando, através do desenho dos materiais fortalecer a imagem urbana polivalente do parque. Esta conceção dos espaços que o compõem foi feita segundo fluxos de deslocações pedonais e de conceitos de mobilidade urbana, não dando protagonismo aos espaços de estadia nem aos de passagem, uma vez que tem os dois igual importância na proposta.

No interior do bairro, a **praça**, na sua irregular configuração atual, resulta de sucessivos alargamentos e construções na tentativa de melhorar o bairro e as suas condições ao longo do final do século XX. Numa localização epicentral face à distribuição do edificado do bairro é por isso envolvida pelos edifícios em banda que definem o bairro e também por um aglomerado de habitações amontoadas sem qualidade arquitetónica. Na proposta de reabilitação os edifícios serão demolidos permanecendo apenas as habitações construídas inicialmente. Esta demolição prevê um alargamento da praça e, uma vez que se localiza na zona central de toda a intervenção, funciona como elemento articulador entre os seus vários elementos. É aqui que se unem os principais fluxos pedonais e se distribuem funções.

Os edifícios, existentes e novo, têm na base da sua orientação a topografia acidentada do terreno, definindo as duas malhas estruturais, referidas anteriormente. Devido à sua horizontalidade quando o utilizador se desloca nestes eixos culmina na praça e esta funciona como charneira dessas malhas, assumindo-se como um elemento bastante afirmado no desenho da proposta.

O complexo habitacional é marcado pela sua horizontalidade e, por isso, de fácil deslocamento nas suas ruas. O facto de ser construído em taludes na vertente faz com que tenha uma forte relação com a paisagem e com a natureza que o envolve remetendo, como já foi referido, para o contacto com elementos verdes. Através destes elementos e pela sua dimensão a “acolhida da **casa** é tão total que o que se vê da janela pertence à casa” (Bachelard, 1989/2003, p. 79). Existindo assim uma relação bastante forte entre o interior e o exterior.

Como define Peter Zumthor (2006/2009, p. 27): “Cada edifício é construído com um determinado objetivo, num determinado lugar e para uma determinada sociedade.”, todo o edifício deve ser projetado para um determinado público. Este projeto destina-se a albergar população não permanente, isto é, famílias em início de vida, jovens estudantes, investigadores



Img 66 – Esquços da proposta de reabilitação da habitação, 2018.

ou docentes convidados da UBI. Não tendo um carácter de residência estudantil nem habitação vitalícia, procura dar resposta às necessidades da população nómada atual nesta zona da cidade com características únicas e distintas do meio onde está inserido.

A flexibilidade do espaço foi, desde o início, uma preocupação pois “no projeto de cada edifício, o arquiteto deve ter em mente que os utentes têm o direito à liberdade de decidir por si mesmos como querem usar cada espaço.” (Muga, 2006, p. 134) A habitação é influenciada pelo quotidiano dos seus moradores, assumindo esta uma expressão direta na sua qualidade de vida (Pedro, 2005). Para que se possa desenvolver um projeto de habitação é necessário analisar as necessidades do público alvo, contudo este processo nem sempre é simples pois as necessidades dos utilizadores do espaço mudam, os moradores podem ir-se alterando ao longo do período de vida útil do edificado e por essa razão a flexibilidade e versatilidade do espaço são temas cada vez mais abordados e tidos em consideração no desenho da habitação contemporânea. Nunca descorando de que os principais utilizadores do espaço são as pessoas que nele habitam.

A criação de um **novo volume** surge após a demolição das habitações em ruína que delimitavam a zona habitacional original, uma vez que estas criavam a separação entre estas duas zonas, habitação e jardim, a necessidade de criar um novo volume no mesmo lugar era evidente. Se a nível formal rompe e cria divisões, a nível funcional, ao criar um novo volume pretende-se que este complemente os conteúdos programáticos existentes no edificado do bairro. Posto isto, o programa deste volume passa por implementar novas funções e serviços que dinamizem o bairro e deem apoio à comunidade.

O programa definido para este novo volume apresenta: espaços de convívio, um café, com todas as exigências programáticas, e uma sala polivalente que faz do espaço flexível e adaptável para novos usos; conta também com uma lavandaria, uma vez que as habitações têm dimensões reduzidas e não preveem a colocação desse equipamento, também devido ao seu público alvo não ser permanente; ainda no piso térreo será colocada a receção da unidade de alojamento local que se instala no piso superior. A unidade de alojamento local não é destinada ao turismo, mas sim a oradores de palestras, docentes da UBI, entre outros indivíduos que privilegiem da proximidade com a universidade. A falta deste tipo de equipamentos na área envolvente é uma lacuna da cidade, pois os alojamentos são distantes da universidade e, por isso, sentiu-se pertinente a criação deste elemento no bairro.

No remate norte da praça central é proposto um espaço de **jardim** com carácter diferente do parque a sul. Neste espaço foi mantida a vegetação existente sofrendo apenas ajustes no

terreno que permitem a deslocação dos utilizadores do espaço. Prevê-se um espaço livre onde a natureza ganhe maior destaque, um espaço que *à priori* não é desenhado, mas pensado como um elemento natural de ligação com a serra.

Para dar resposta à problemática do **estacionamento** automóvel foi pensado, numa próxima fase de projeto, a construção de dois parques de estacionamento nos grandes edifícios fabris que delimitam o bairro a norte. Esta solução é pensada para dar resposta não só ao Bairro da Alegria, mas também à Rua da Saudade que é palco de graves problemas de estacionamento e tráfego rodoviário.

Uma vez que os espaços são articulados entre si através das artérias de circulação pedonal, verifica-se na proposta uma interação determinante para a vitalidade urbana. Apesar de ambos os espaços em questão terem ganho autonomia formal, parece mais evidente a sua complementaridade, conseguindo ambientes urbanos caracterizados e com condições melhoradas de usufruto.

Pretendeu-se assim, a valorização da imagem pública de um aglomerado diversificado na sua estrutura e rico do ponto de vista da existência de variados espaços de estadia e passagem. Através da reestruturação das acessibilidades, redefinição dos espaços de uso coletivo e privado e uma solução formal sistematizada do espaço público, o Bairro da Alegria mantém a sua imagem pública e urbana únicas, tendo um novo olhar, é reafirmado na urbe o seu papel.

1.2. Descrição da Proposta

Funções previstas

Na elaboração de uma qualquer proposta arquitetónica, a arquitetura “deve hospedar o homem, deixa-lo presenciar e habitar, e não tentar persuadir.” (Zumthor, Pensar a Arquitetura, 2006/2009, p. 33) Na proposta de reabilitação o jogo dos materiais com o vazio, a luz, o cheiro e a capacidade de absorção e ressonância foram fatores tidos em consideração com vista a deixar a obra por si só, em que não se intervém diretamente na vida dos utilizadores do espaço porque a obra é ela própria. Existe o silêncio do espaço que transmite aos utilizadores serenidade, naturalidade e integridade bem como calor e sedução. A obra como ela própria e não como exemplar de algo “ser ela própria, ser um edifício, não representar algo, mas sim ser algo” (Zumthor, Pensar a Arquitetura, 2006/2009, p. 34) independentemente da função que cada elemento tem no projeto.

Espaço Público

Um dos princípios utilizados que define a abordagem disciplinar da proposta é a clarificação urbana, que promove, através do desenho urbano e dos materiais utilizados, a redefinição dos limites visuais e de uma eficaz separação entre o espaço público e privado, sendo esta uma linha bastante ténue. A intervenção privilegia uma linguagem contemporânea, coerente e identificável, sem que haja protagonismos e sem receio dos impactos provocados.

Como já referido anteriormente, a proposta de reabilitação do espaço público a a reabilitação da praça central, a construção de um parque, a reformulação de uma área de jardim, a criação de um acesso mecânico ao bairro, e finalmente, a construção de um edifício de comércio e serviços. A proposta caracteriza-se pela forte componente de desenho urbano melhorando as condições de segurança e conforto na circulação pedonal, onde prima a preocupação pela relação harmoniosa entre a esfera social e urbana que há muito é inexistente no Bairro da Alegria. A proposta contempla uma área total de aproximadamente um hectare em que 1.300m² são de habitação unifamiliar, 315 m² correspondem a serviços e a restante área é distribuída pelos restantes elementos da proposta.

Os materiais utilizados na pavimentação dos espaços públicos vão-se alterando de acordo com o tipo de percurso e o uso. Percursos de lajes de betão ou cubos de granito fazem com que à medida que o utilizador se desloca no espaço tenha diferentes sensações e se aperceba da forma como o novo e o existente se interligam sem se interpelarem.



Img 67- Imagens virtuais da proposta para o espaço público.

A Praça

Na proposta de reabilitação da praça, uma vez que esta se mantém com a forma pré-existente sentiu-se necessidade de manter os materiais de origem. Aqui os muros de pedra, em parte, cobertos de vegetação conferem à praça conforto e acolhimento, tornando-a um lugar de estadia.

O Parque

Na proposta de criação do parque, a materialidade dos espaços e a sua sucessão enigmática evocam, em subtis referências, o imaginário da época áurea da cidade industrial. A intervenção baseia-se na criação de diferentes espaços com volumetrias distintas onde através a luz e da sombra é criada a tridimensionalidade dos espaços que se altera consoante a hora do dia. A percepção do espaço muda conforme as sombras, conforme a luz incide nos objetos em que é refletida.

A questão da exposição solar, uma vez que é uma área voltada a sul, foi trabalhada de modo a que os elementos vegetais projetassem sombra nos espaços de permanência e em algumas fases de percurso. São criados diferentes percursos e áreas com diferentes funções que dão ao utilizador uma percepção do espaço distinta em diferentes alturas do dia ou estações do ano. Os elementos verdes e as suas colocações estratégicas transportam para o bairro a estreita relação que existe com a natureza envolvente. Procurou-se utilizar vegetação de folha permanente e que não precisasse de cuidados contínuos devido aos custos de manutenção que estão diretamente associados ao tratamento de espaços verdes.

Procurou-se criar um espaço onde a exposição solar não fosse descontrolada. De modo a preservar a identidade do bairro e mantendo os elementos que lhe são característicos, foram colocados nos logradouros que antes pertenciam às habitações, perfis metálicos que servindo de suporte a vegetação forma uma estrutura de sombreamento para as habitações. Estas estruturas criam miradouros e zonas de estar que não pertencendo às habitações pertencem ao bairro, combatendo assim a apropriação indevida do espaço público.

A proposta misturar diferentes tipos de pavimentos foi a chave utilizada para propor movimento e diversidade em circulações e passagens numa área tão extensa. Optou-se por manter os pavimentos das vias pedonais da pré-existência em cubos de granito e nas novas áreas as lajetas de betão assumem uma linguagem contemporânea, sendo visível a separação destas duas zonas, o existente e o novo.



Img 68- Imagens virtuais da proposta para o espaço público.



Img 69 - Imagens virtuais das zonas de sombreamento em aço.



Img 70 - Imagens virtuais da proposta para o novo edifício e das hortas comunitárias.

Na proposta prevalece o uso das escadas, e as plataformas a diferentes cotas. O parque tem um desnível bastante acentuado, contudo a acessibilidade às diferentes zonas é assegurada por algumas rampas colocadas ao longo dos percursos.

O perímetro sul do bairro, uma vez que esta a uma cota mais baixa é delimitado por uma barreira de vegetação de modo a criar uma permeabilidade visual tanto dos utilizadores com os logradouros dos outros edifícios como do exterior para o bairro.

O Jardim

No limite norte da praça encontra-se o jardim, um espaço com aproximadamente 2150 m², que é utilizado como elemento articulador entre o bairro e a cidade. Neste espaço não foram feitas quaisquer alterações na morfologia do terreno e as árvores existentes mantidas. Foram pensados apenas alterações na vegetação rasteira e a colocação de algumas árvores de modo a tornar o espaço habitável.

Os Serviços

Sentiu-se, como já referido, a necessidade de criar um conjunto de serviços de apoio ao funcionamento do bairro definindo o seguinte programa: um café com uma cozinha, arrecadação e instalações sanitárias, no total com 88 m²; uma sala polivalente com 40 m²; uma lavandaria; e uma unidade de alojamento local.

Evidenciando um natural diálogo com as pré-existências e com a envolvente, mais ou menos próxima o edifício é composto por dois pisos em que o piso superior é inteiramente destinado ao alojamento local e as demais funções estão centralizadas no piso térreo. Procurou-se um desenho das fachadas com linhas retas. O elemento de aço estendeu-se a este edifício e é colocado nas entradas dos quartos no piso superior, o que de certa forma, unifica o conjunto.

Receção e alojamento local com 6 quartos em que um está adaptado para mobilidade condicionada. Na morfologia dos quartos privilegiou-se a criação de um espaço de estar e de trabalho onde se possa usufruir da paisagem e da tranquilidade do lugar.

As hortas

A proposta define também uma área de hortas comunitárias, um espaço onde se possa cultivar em pequenas parcelas que vão formando uma única. Neste espaço foram construídas estruturas onde se podem fazer pequenas plantações e assim garantir o carácter semi-rural que identifica o bairro.



Img 71 - Imagens virtuais da proposta para os acessos.

Os Acessos

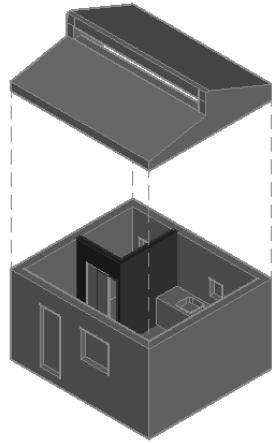
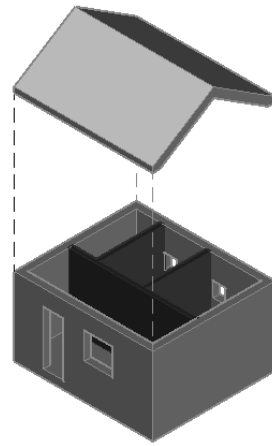
A instalação de meios mecânicos na cidade surge com o Programa Polis, o programa, como referido anteriormente, prezava pela mobilidade e facilidade nas deslocações.

Esta coluna de acessos vence um desnível de 20 metros e é projetada seguindo duas diretrizes antagónicas, a primeira procura acompanhar o terreno, a segunda evidencia a criação de um elemento que rompe a paisagem.

Quando o utilizador observa a intervenção esta apresenta-se como uma sucessão de planos que se vão sobrepondo à medida que se avança. Estes planos adquirem uma importância formal que estrutura a proposta da criação de acessos e auxilia na relação pretendida com os elementos verdes, uma vez que, funcionam como canteiros. A vegetação tem assim um papel primordial uma vez que ela por si define os espaços e o seu carácter.

No percurso pedonal, feito através de escadas, estas surgem ocultadas pelos planos criados. O utilizador vai-se apercebendo do percurso à medida que nele se desloca. Existem na proposta zonas de estadia que contêm bancos de madeira para que o transeunte possa disfrutar da relação que este elemento tem com a paisagem numa cota plana.

Também no elemento mecânico é privilegiada a relação com a paisagem uma vez que a sua caixa de betão é de vidro numa das faces quebrando, em parte, a rigidez deste volume.



Img 72- Imagens virtuais da proposta de reabilitação das habitações.

A casa

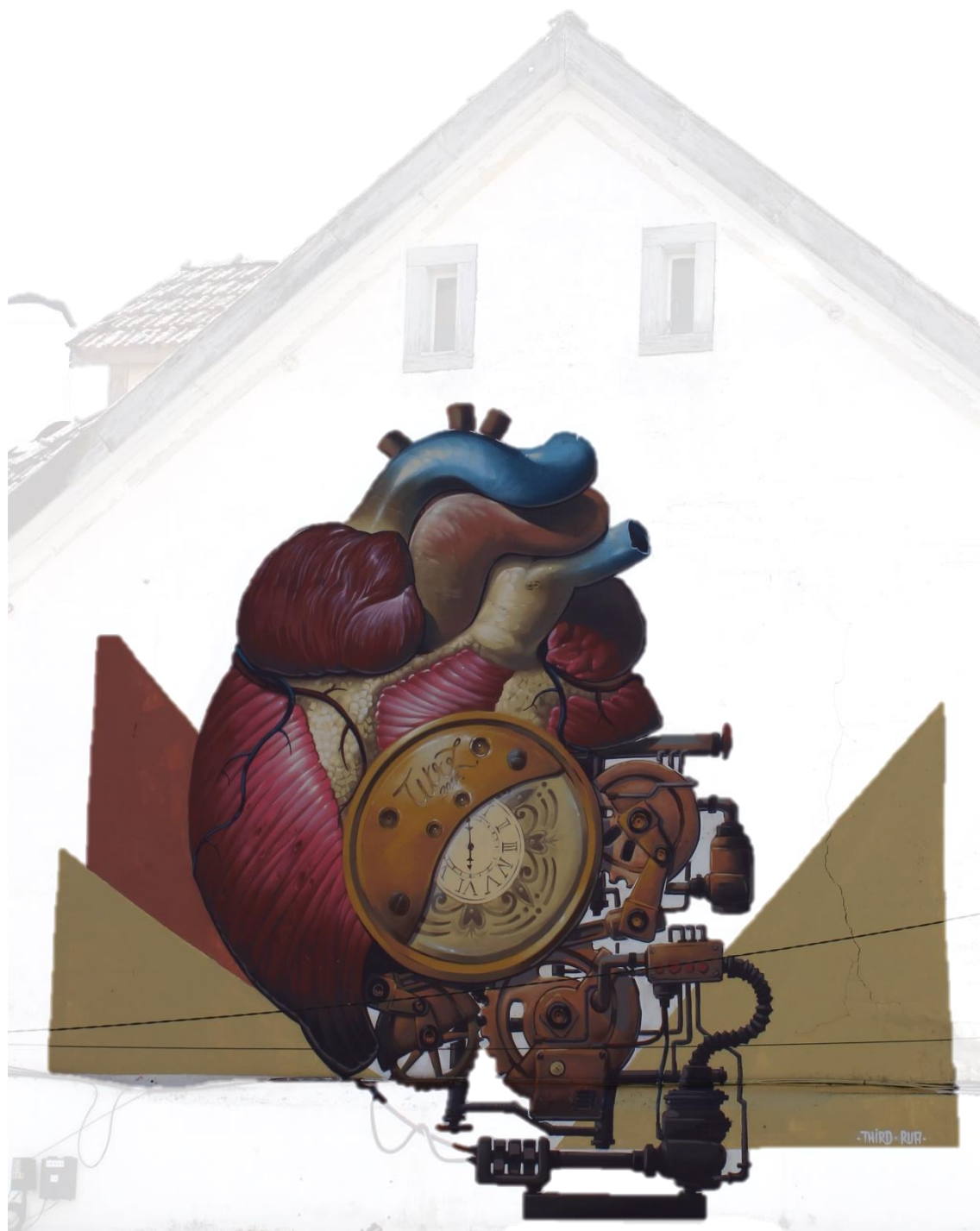
Devido as reduzidas dimensões das habitações pré-existentes propõem-se dois tipos de reabilitação: ampliação através da junção de módulos dando origem a tipologia T1, adicionando 13 m² aos 26 m² originais dotando-a de um quarto adicional, e a tipologia T0 resultante da reabilitação da área existente. Os primeiros, T1, foram desenhados para receber um ou dois moradores que partilhem quarto, já os T0 foram concebidos para apenas uma pessoa.

As tipologias são resultantes de um módulo criado inicialmente para o T0 que ao adicionar o quarto resulta num T1. Este módulo é dividido em duas áreas, zona seca e zona húmida, entenda-se a primeira como zona de trabalho e lazer, a segunda compreende a cozinha e a instalação sanitária com todas as condições de higiene e conforto contemporâneas. No interior, predominam duas cores o branco e o tom claro da madeira. Os materiais utilizados fazem a divisão funcional da habitação, a madeira de pinho é utilizada na área de trabalho e na sala tornando o espaço mais acolhedor e quente, enquanto que o mármore branco é utilizado no o revestimento de paredes e pavimento na zona da cozinha e casa de banho, que sendo zonas com menos luz tem reflexão nas superfícies brancas.

A habitação tem duas fachadas opostas, orientadas uma a sul e outra a norte e por isso uma exposição solar bastante agradável. Os vãos existentes, pelas suas dimensões, não asseguram a introdução de luz natural, assim foi criada uma janela na cobertura, na zona da cozinha que permite maior entrada de luz. Assim, a cobertura em telha será substituída, alterando a sua inclinação de modo a que seja possível a colocação da janela. Na nova cobertura foi utilizada a chapa metálica, sobre a qual se apoiam os respetivos isolamentos térmicos e acústicos

O modulo porta-janela que se repete ao longo da fachada é um elemento que dá identidade ao bairro e que, na proposta, se mantém. Em projetos de reabilitação a resolução das caixilharias, constitui um dos maiores desafios da proposta, por corresponder, na maioria dos casos, a alterações significativas na expressão dos alçados. As caixilharias das janelas são simples, de uma folha oscilobatiente, já as portas de madeira existentes serão substituídas por portas de vidro de modo a que a entrada de luz seja privilegiada, ambas as caixilharias serão em tom cinza. O sombreamento da fachada é garantido através da colocação um elemento em aço que é utilizado também para identificar a entrada de cada habitação, contrastando com a cor branca da fachada.

No mobiliário as soluções adotadas permitem que o espaço seja adaptado às necessidades dos seus utilizadores e que este se molde aos seus diferentes modos de vida. Nos módulos T0 a mesa da cozinha pode ser recolhida dando origem a um espaço mais amplo, sem divisão entre a sala e a cozinha. Já na sala, o sofá pode abrir e dar origem à cama permitindo assim que o utilizador vá adaptando o espaço consoante o seu dia a dia.



Img 73 – Coração industrial da cidade da Covilhã, 2018.

Considerações Finais

Cravada na encosta da Serra da Estrela, a Covilhã tem uma boa localização, beneficia da proximidade e ligação que tem com a serra e a sua topografia natural formada por vales e ribeiras. (Vaz D. , 2004, p. 35) Desde muito cedo ligada à lã, esta indústria dos lanifícios esteve presente na cidade nos últimos oito séculos e é, por isso, impossível falar da cidade sem referir a importância da indústria têxtil, das grandes marcas que deixou na cidade e na identidade dos seus habitantes. (Pinheiro, 2009, p. 98)

Uma das marcas na arquitetura urbana novecentista da cidade é o legado do Estado Novo ou neotradicional. Período marcado pela construção de equipamentos públicos e de habitação coletiva, social ou unifamiliar entre as décadas de 1940 e 1950. Nesta época houve um aumento exponencial da população devido à indústria têxtil e o Estado Novo surge como grande impulsionador dos bairros sociais e de preocupação com as populações desfavorecidas. (Fernandes J. M., 2009, p. 53)

A fase pós 25 de Abril foi marcada pela implantação da UBI na cidade, associada à recuperação do património industrial (Fernandes J. M., 2009, p. 53). Introduzindo uma linguagem moderna na urbe através da reabilitação do edificado e da criação de novos volumes, a universidade foi protagonista na reestruturação urbana e social aproveitando as construções mais valiosas dos vales, desde as instalações pombalinas às dos finais dos séculos XIX e início do XX. Instaurada num período em que a cidade estava em declínio assume-se como elemento difusor de dinâmicas sociais e económicas. Atualmente a Covilhã e a universidade formam um conjunto coeso e compacto de tal modo que, “ao dizermos cidade, dizemos simultaneamente universidade: porque estamos perante um caso em que uma se tornou indissociável de outra; interpelando-se mutuamente nas suas existências e iniciativas.” (Matos, 2009, p. 110)

Para que se possa estudar e analisar a cidade da Covilhã é fundamental entender a sua paisagem industrial e de que forma a cidade se restabeleceu após a queda da indústria e no que se está a tornar com a sua reabilitação. A cidade “depende de um reconhecimento das suas potencialidades ocultas que a arquitetura universitária tem vindo a revelar” e, conseqüentemente, valoriza-a. (Matos, 2009, p. 115)

Na Covilhã a primeira década do século XXI foi marcada pelas intervenções do Programa Polis, levadas a cabo pelo atelier de Nuno Teotónio Pereira. São intervenções particulares que indicam uma nova visão, reestruturante, da cidade. (Fernandes J. M., 2009, p. 53)

A imagem da cidade da Covilhã é marcada pela presença de vários elementos que definem o seu desenvolvimento enquanto cidade, a sua história e a sua evolução urbana. A cidade assente na vertente é marcada pela sua paisagem industrial em que essa época define a sua imagem e a grande maioria dos estímulos urbanos remetem para essa mesma paisagem urbana.

Nas últimas décadas, as alterações no modo de habitar a cidade afetaram diretamente a paisagem urbana portuguesa. Independentemente da sua dimensão, as cidades tornam-se cada vez mais periféricas e suburbanizadas, conseqüentemente os seus centros históricos tendem a ficar desertos e desabitados. Não sendo a Covilhã uma exceção, esta tendência leva a que os traços tradicionais sejam cada vez menos identificáveis e inevitavelmente a construção destas periferias descaracterizadas torna, aparentemente, todas as cidades iguais (Milheiro & Gonçalves, 2003/2005, p. 24). Assim, é importante averiguar o seu estado atual, as condições de edificabilidade que oferece e o seu potencial de reconversão, readaptação e reabilitação.

São várias as tentativas de reabilitação que a cidade enfrenta sendo que reabilitar, “hoje e mais do que nunca, significa fundamentalmente recuperar as qualidades perdidas e integrar ao mesmo tempo aquelas características necessárias para que o território em causa continue a viver com as condições de conforto e beleza.” (Fernandes & Cannatá, 2009, p. 9)

O Bairro da Alegria, construído para dar resposta às necessidades da população, localizado no vale da Ribeira da Goldra, perto de grandes edifícios industriais albergava a classe operária da época. Atualmente o bairro padece de carências sociais e urbanas que necessitam de uma intervenção urgente. Na proposta de reabilitação do Bairro da Alegria, procurou-se introduzir novas tecnologias a par dos serviços necessários para habitar, segundo critérios de continuidade e inovação, respeitando o passado, mas paralelamente exigindo futuro. Passará por aqui a qualificação deste e de qualquer território degradado, mas rico na memória coletiva de outro saudável tempo.

Assume-se como sedimentada a noção de que uma imagem urbana clara e bem definida nos seus limites visuais, contribui para uma vivência urbana enriquecedora. A fechar o trabalho, e de um modo geral, entende-se que a prática da reabilitação constitui a possibilidade de construção de uma nova perspectiva para uma sociedade sustentável. Onde a cultura do habitar encontre um equilíbrio racional entre a utilização de recursos pré-existentes. Entenda-se a arquitetura como disciplina de construção do espaço artificial e, neste ponto de vista, a reabilitação é um processo de modificação, de substituição e conseqüentemente implica obras de demolição. Um projeto coerente tem de suportar em si elementos de um trabalho coletivo e interdisciplinar, não sendo a arquitetura uma arte isolada.

Deste modo procura-se que a proposta venha combater, em parte, a problemática dos vazios urbanos existentes na cidade, preenchendo esta área devoluta e em elevado estado de degradação. Entendeu-se que a sua integração na malha urbana passava, não só, pela reabilitação do espaço público e privado, mas também pela criação de infraestruturas que dessem resposta não só às necessidades do bairro como da própria cidade. A criação de uma coluna de acessos verticais que passa, ao mesmo tempo, pela criação de uma escada que se molda ao declive onde o transeunte pode usufruir da paisagem e de espaços de permanência, é criado um elemento vertical que rompe essa linguagem, um acesso mecânico que se distingue pela sua volumetria. Estes elementos vêm dar resposta às questões de integração na malha urbana através da criação de infraestruturas colocadas inicialmente.

A proposta contempla um programa tão diversificado como extenso. Procura-se, através dos diversos elementos da proposta promover o tráfego pedonal no bairro. Onde observador é convidado a vaguear pela paisagem entre a profundidade e a superfície, memória e atual, cor e monocromia, como a lente de uma câmara fotográfica que procura o foco sem, no entanto, nunca focar (Cauquelin, 2015). Onde a possibilidade de contemplar e conviver com elementos da natureza ganha destaque uma vez que a procura por espaços onde a cidade possa respirar é cada vez maior.

Na proposta e, em grande parte, devido ao estudo sobre a cidade procurou-se manter a identidade do lugar e respeitar a memória coletiva através dos mais diversos elementos. A cidade respira indústria e é impossível dissociá-la dessa fase da sua história.

Conclui-se que é impossível projetar um futuro para qualquer território sem antes analisar o seu presente e conhecer o seu passado. Entendem-se estes três agentes o passado, o presente e o futuro como elementos chave na intervenção dos territórios habitados.

Bibliografia

- Afonso, J. (2005). Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. Em *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. Nuno Teotónio Pereira, Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005* (pp. 9-11). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Aguilar, J. A. (2009). Antepiano Geral de Urbanização da Covilhã: Pormenor da zona central,. Em *Monumentos: cidades, património, reabilitação* (pp. 30-39).
- Bachelard, G. (1989/2003). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baptista, L. V. (2001). Cidade e Políticas Sociais de Habitação – Armadilhas Conceptuais e Metodológicas. Em *Cadernos 3 – Comunidade e Território, Temático Habitação* (pp. 71-81). ISCTE: Centro de Estudos Territoriais.
- Baptista, L. V. (2014). A Dimensão Urbana: relendo os processos de urbanização à luz do crescimento das cidades portuguesas e dos campos em seu redor. Em G. Baudin, & D. M. Vaz, *Transação Territorial. Novas relações de cidade-campo* (pp. 19-29). V. N. Famalicão: Húmus.
- Benevolo, L. (1984/2011). *A Cidade e o Arquiteto*. Lisboa: Edições 70.
- Bing. (10 de 05 de 2018). Obtido de <https://www.bing.com/maps>
- Brandão, P. (2011). *O Sentido da Cidade : ensaio sobre o mito da imagem como arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Brites, J. (2009). Um unísono a quatro vozes: arquitetura(s) do Estado Novo na Praça do Município da Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 126-133.
- Brito, J. (2013). Covilhã, cidade industrial – Reabilitação e renovação de identidade . *International Conference on Engineering UBI*. Covilhã.
- Cannatá, F. F. (2009). Reciclar o Existente e Requalificar o Território. Em F. F. Cannatá, *Territórios Reabilitados* (pp. 9-15). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Cauquelin, A. (2015). *A invenção da Paisagem*. Lisboa: Edições 70 .
- Costa, J. C. (2013). Revitalização de Centros Urbanos. Da urbe devoluta à Covilhã reabilitada. *Dissertação de Mestrado em Arquitetura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Cullen, G. (1971/2014). *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

- Dias, M. G. (2006). *Manual das Cidades*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Fernandes, F., & Cannatá, M. (2009). *Territórios Reabilitados*. Casal da Cambra: Cleidoscópio.
- Fernandes, J. M. (2009). A requalificação arquitetónica e o papel da Sociedade de Reabilitação Urbana Nova Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 62-67.
- Fernandes, J. M. (2009). Covilhã, uma leitura de síntese: estrutura urbana, conjuntos edificados e arquiteturas, sua evolução. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 40-53.
- Figueira, J. (2014). *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitetura Portuguesa- Anos 1960-1980*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Folgado, D. (2009). Covilhã, a cidade que também foi fábrica. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 88-97.
- Fonseca, M. A. (2010). O Lugar da Fábrica: história e evolução urbanística. *Dissertação de Mestrado em Arquitetura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Goitia, F. C. (1982/2014). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gomes, A. R. (2013). A casa tanto é minha como tua! Kambioos – modelo de habitação mínima. *Dissertação de Mestrado em Arquitetura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Gonçalves, V. P. (2014). O Bairro e a Cidade. O espaço público como contributo á integração social: o Caso do Fujacal. *Dissertação de Mestrado em Arquitetura*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- IPAMLab. (2014). Projeto: Plano de Marketing do Turismo da Região Centro de Portugal. *Região Centro de Portugal. Parte III: análise SWOT*. Aveiro: IPAM.
- Jacinto, R. (2012). Cidade, Território e Coesão Urbana: novos olhares, outros caminhos. Em R. Jacinto, *A Cidade e os Novos Desafios Urbanos* (pp. 5-37). Lisboa: Ancora.
- Jordão, P. (Fevereiro de 2009). Arranjo Urbanístico dos Espaços Públicos dos Bairros de Habitação de Contumil e Pio XII. *Arquitetura Ibérica*, pp. 14-21.
- José, A. M. (2012). O Mínimo como Habitação. Reabilitação do Bairro da Alegria . *Dissertação de Mestrado em Arquitetura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Kahn, L. I. (1969). *Conversations with Students*. Texas: Rice University School of Architecture.
- Kevin, L. (1960/2011). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

- Legen, J. V. (2010). *Manual do Arquiteto Descalço*. Lisboa: Dinalivro.
- Lôbo, M. d. (2009). Covilhã: planos de urbanização à época de Duarte Pacheco . *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 30-39.
- Lopes, N. R. (2012). Cidades Requalificadas. O exemplo de Évora e o caso de Coimbra. Em R. Jacinto, *A Cidade e os Novos Desafios Urbanos* (pp. 59-64). Lisboa: Ancora.
- Matos, M. C. (2009). Ponto, linha, plano: a edificação universitária na Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 110-119.
- Milheiro, A. V. (2009). Por uma cidade amável- espaços públicos e Programa Polis na Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 54-61.
- Milheiro, A. V., & Gonçalves, C. G. (2003/2005). As Pontes da Covilhã. Em *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. Nuno Teotónio Pereira, *Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005* (pp. 24-29). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Morão, H. C. (2008). *Recortes de História da Covilhã*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã.
- Mota, J. C. (2013). Planeamento do Território. Metodologias, actores e participação. *Tese de Doutoramento em Ciências Sociais*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Muga, H. (2006). *Psicologia da Arquitetura*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Mumford, L. (1989). *City in History: its origins, its transformations, and its prospects*. San Diego: Harvest.
- Pedro, J. B. (2005). *Definição e avaliação da qualidade arquitetónica habitacional*. Lisboa: LNEC.
- Peixoto, P. (2008). Lifting, peeling e outras plásticas. As cidades antigas querem parecer novas? Em D. M. Vaz, *Cidade e Território. Identidades, urbanimos e dinâmicas transfronteiriças*. (pp. 73-86). Lisboa: Celta.
- Pereira, A. N. (2005). *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. Nuno Teotónio Pereira: *Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Pereira, D. (2009). A estrutura urbanística da Covilhã entre a Idade Média e a Idade Moderna. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 16-23.
- Pereira, N. T. (2003/2005). Programa POLIS. Intervenções que se querem exemplares e de efeito multiplicador. Em *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. Nuno Teotónio Pereira,

- Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005* (pp. 20-23). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Pereira, N. T. (2005). Atenuar Malfeitorias, Adaptar Relevos, Preservar a Identidade, Consolidar o Tecido Urbano. Em *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. Nuno Teotónio Pereira, *Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005* (p. 12). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Pereira, N. T. (2009). Reconquistar a Mobilidade Pedonal. Um Plano para a Covilhã. Em *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. Nuno Teotónio Pereira, *Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew, Prize Nominee, UIA 2005* (pp. 40 - 47). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Pinheiro, E. C. (2006). *Da Lã aos Lanifícios. No princípio é a lã... a cultura pastoril*. Covilhã: Museu dos Lanifícios.
- Pinheiro, E. C. (2009). A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 98-109.
- Pinto, D. (13 de 6 de 2018). *Terceira Dimensão*. Obtido de <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/2011/02/covilha.html>
- Reckert, S. (1989). O Signo da Cidade. Em *O Imaginário da Cidade* (pp. 8-31). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, J. M. (2009). Covilhã: evolução urbana da cidade. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, pp. 6-15.
- s.a. (s.d.). Real Fábrica de Panos no início do século XX, c.1900. Junta de Freguesia de São Martinho.
- Silva, J. A. (1970). *História da Covilhã*. Lisboa: Edição do Autor.
- Simmel, G. (2011). A Metrópole e a Vida do Espírito. Em C. Fortuna, *Cidade, Cultura e Globalização* (pp. 31-43). Oeiras: Celta.
- Sousa, L. M. (2009). editorial. *Monumentos: cidades, património, reabilitação*, 3.
- Távora, F. (1982/1962). *Da Organização do Espaço*. Porto: ESBAP.
- Tostões, A. (2004). Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola. Em A. N. Pereira, *Arquitetura e Cidadania* (pp. 21- 41). Lisboa: Quimera.

- Vaz, D. (2004). *Cidades Médias e Desenvolvimento. O caso da cidade da Covilhã*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Vaz, D. (2008). *Imagens da Cidade e Modos de Comunicação. Problematização e implicações estratégicas*. Em D. Vaz, *Cidade e Território. Identidade, urbanismo e dinâmicas transfronteiriças*. (pp. 87-104). Lisboa: Celta.
- Vaz, D. M. (2008). *Cidade e Território. Identidade, urbanismo e dinâmicas transfronteiriças*. Lisboa: Celta.
- Vicente, M. d. (2012). *Covilhã Medieval: O Espaço e as Gentes (séculos XII a XV)*. Lisboa: Edições Cabril.
- Wirth, L. (2011). *O Urbanismo como Modo de Vida*. Em C. Fortuna, *Cidade, Cultura e Globalização* (pp. 45-65). Oeiras: Celta .
- Zumthor, P. (2006/2009). *Atmosferas: entornos arquitetónicos - as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Zumthor, P. (2006/2009). *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Anexos

Em anexo seguem os desenhos técnicos referentes à parte prática. Os desenhos estão impressos num total de 13 folhas de 11 folhas de formato 86cm x 29,7cm e 2 folhas formato A3, ambas dobradas em formato A4.